Madalena

novela

Cristiane Dantas

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Madalena

I Concurso Literatura para Todos

Consultora Pedagógica
Ira Maciel

Comissão de Pré-seleção das Obras
Cristiane Costa
Heitor Ferraz Mello
Júlio César Valladão Diniz
Maria da Luz Pinheiro de Cristo

Comissão Julgadora
Antônio Torres
Heloisa Jahn
Jane Paiva
Lígia Cademartori
Magda Soares
Marcelino Freire
Milton Hatoum
Moacyr Scliar
Rubens Figueiredo

Ministério
da Educação

Esplanada dos Ministérios
Bloco L – 7º andar – Sala 710
literaturaparatodos@mec.gov.br
www.mec.gov.br

Madalena

novela

Cristiane Dantas

1ª Edição

Brasília – 2006

Título original: Madalena
Autora: Cristiane Dantas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dantas, Cristiane.
D192 Madalena / Cristiane Dantas. – Brasília :
Ministério da Educação, 2006.

120 p. : il. ; 18 cm. -- (Coleção literatura para todos ; v. 1)

ISBN: 85-296-0043-6

1. Novela brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.3
CDU 821.134.3(81)-32

Ano 2006

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros sem autorização prévia por escrito do Ministério da Educação ou da autora.

Índice

Apresentação 8
Prefácio 10
Nelson – Jacuípe, 1935 13
Rubina – Jacuípe, 1943 23
João – Rio de Janeiro, 1943 35
Álvaro – Rio de Janeiro, 1945 47
Domício – Rio de Janeiro, 1958 59
Dulce – Rio de Janeiro, 1966 71
Cláudia – Rio das Ostras, 1975 82
Francisco – Rio de Janeiro, 1987 94
Entrevista com a autora 108

Carta ao leitor

Caras leitoras e caros leitores,

É com enorme satisfação que apresento a Coleção Literatura para Todos, pensada e escrita especificamente para vocês, alunos e alunas do Programa Brasil Alfabetizado e alunos e alunas que estão dando continuidade a seus estudos nas salas de aula de educação de jovens e adultos.

Esta coleção, composta por dez livros – poesia, conto, novela, crônica, tradição oral, biografia e peça teatral –, é fruto de um concurso nacional lançado em 2005 pelo Ministério da Educação. As obras foram escolhidas entre os mais de dois mil textos submetidos à comissão julgadora. Muitas pessoas foram envolvidas no processo de criação, o que representou um verdadeiro mutirão, um esforço coletivo. Mas quais os motivos que levaram o Ministério a realizar o Concurso Literatura para Todos e agora lançar a Coleção Literatura para Todos?

A primeira resposta é dada pelo próprio título do concurso e da coleção – Literatura para Todos. O Ministério acredita que o acesso ao livro e à leitura é um direito de todos. Nós todos temos o direito de ler e ter acesso a

livros da mesma forma que a Constituição Federal nos garante o direito à educação. Por isso, em 2003, o governo criou o Programa Brasil Alfabetizado, para garantir, aos jovens e adultos que nunca tiveram esse direito, a oportunidade de aprender a ler, escrever e fazer as operações matemáticas básicas.

Acima de tudo, o Ministério foi motivado por acreditar que o acesso ao livro e a criação do hábito de leitura são essenciais para fortalecer a nossa cidadania e também como alicerce para outras aprendizagens. A leitura nos permite entender melhor o mundo a nossa volta e conhecer melhor também quem somos nós. Por meio da leitura, ganhamos acesso a outras informações e novos conhecimentos.

A Coleção Literatura para Todos visa, assim, oferecer um conjunto de livros, produzido com muito carinho e zelo, que proporcionará a vocês leitores um grande prazer – o prazer de ler, de viajar, de criar e de fazer parte de uma nova comunidade: a de leitores. Pelo menos, é assim que esperamos. Brasil, país de todos – Brasil, comunidade de leitores!

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

Ministério da Educação

Neste livro, o leitor terá o prazer de conhecer a história de Madalena, personagem inesquecível criada por Cristiane Dantas. Com uma narrativa ágil e profunda, a obra deixa os leitores capturados, com o coração aos saltos, e revela como as marcas no corpo e na alma podem gerar histórias de vida e colocar no rosto das pessoas um *olhar de bicho ferido e acuado* ou mesmo um *olhar de peixeira* ou *olhos de iceberg*.

A autora olha com firmeza e compaixão as fraquezas e forças humanas, as agruras das mulheres submetidas, as mazelas do interior e da capital, os jogos do poder, o pulsar das relações familiares, e toda a beleza e complexidade da vida. As personagens de *Madalena* fazem um convite para olhar, sentir e entender as nuances do mundo e as escolhas que a vida exige.

A cada capítulo entram em cena personagens decisivos para o curso da vida de Madalena. O pai, Nelson, fazendeiro autoritário, movido por interesses econômicos e impossibilitado de demonstrar fraqueza.

Rubina, mulher-mãe com as mãos atadas ao seu tempo. João, o irmão calça-frouxa que não gostava do que via, mas nada fazia para remediar. Álvaro, o advogado diplomata, marido às escondidas e homem de vida dupla. Domício, funcionário público exemplar, mas em dúvida sobre a quem ser leal. Dulce, a mulher que pensava que amar era nunca dizer não. Cláudia, neta de Madalena, que sonhava em ser escritora de sucesso. E Francisco, o filho, que assistiu como se fosse um filme às alterações da sua mãe, e que guarda, na memória, cenas secretas e, nas entranhas, a forte presença da *mainha* Madalena.

Apesar de todas essas presenças, Madalena reina soberana na novela de Cristiane Dantas. Os passos firmes da protagonista revelam a todos nós, leitores, uma mulher que teve coragem de enfrentar a vida e ser senhora de si.

Não deixe de acompanhar os passos de Cristiane Dantas, dona de olhar sensível e agudo, de narrativa leve e densa, que inaugura o ofício de escritora com força e beleza.

Ira Maciel

Consultora Pedagógica

I Concurso Literatura para todos

Nelson
Jacuípe, 1935

Nelson continuou olhando para o sol que já começava a cair atrás do morro, balançando a rede e pitando seu cigarro de palha enquanto pensava na proposta que acabava de receber. "Então é isso que esse filho da mãe quer". Pelo rabo do olho, pôde ver Manuel se servir de mais uma dose da cachaça que eles produziam lá mesmo na fazenda. "Safado".

– O que o senhor me diz, meu tio?

– Tô pensando, Maneco. Tô pensando.

Manuel enxugou a cachaça com uma golada só, bateu o copo na mesinha com uma força que quase quebrou o tampo de vidro e se levantou da mureta que cercava o alpendre. Colocando o chapéu, encerrou a conversa:

– O senhor pense à vontade. Proposta melhor, não vai ter. Mande me avisar quando resolver.

– Mando.

Manuel lhe deu as costas, andou meio cambaleante até seu cavalo e montou com dificuldade. “Uma hora dessa, já tá de cara cheia”, observou Nelson. Sem tirar os olhos do morro, gritou pela mulher:

– Rubina!

Ela apareceu imediatamente. “Escutando atrás da porta. Eu sabia!”

– Que é?

– Quede Madá?

– Na horta – respondeu, recolhendo a garrafa de cachaça e os copos; verificou se o vidro do tampo da mesinha não estava trincado. – O que o Maneco queria?

– Não me tire do sério, Rubina. Você ouviu. Me chame Madá.

Ela parou na frente dele, tapando a visão do morro:

– Nelson, pense bem. Logo o Maneco? Você sabe como ele é. Não acho que Maneco dê um bom...

Nelson detestava arenga de mulher. Interrompeu logo Rubina, alteando a voz:

– Me chame Madá!

Rubina entrou em casa. Nelson voltou a olhar para o morro; deu uma tragada profunda no cigarro e soltou a fumaça bem de-

vagar, pensativo. “Bem que ia ser bom esticar a fazenda pra lá do rio, até o sopé do morro. Não gosto de vizinho.”

Sentiu uma sombra atrás de si; era Rubina. Com João. Nelson já sabia o que eles iam dizer, e se irritou antes mesmo que dissessem. Jogou a guimba longe.

– Mandei chamar Madá!

– Mas o Joãozinho...

João tentou ajudar a mãe:

– Meu pai, a mainha só quer...

Aquela voz macia de João também tirava Nelson do sério:

– Eu sei muito bem o que ela quer! Quer mandar nessa casa! Mas essa é a minha casa! Quem manda aqui sou eu!

– Eu sei, meu pai. Todo mundo sabe. Mas o assunto agora não é a casa. É Madá.

– E eu também não mando em Madá? É minha filha, mando eu!

Rubina tentou mais uma vez:

– É minha filha também! E o Maneco não presta!

Nelson se enfezou:

– Não presta por quê? É filho de meu primo! É da minha família! – levantou-se da rede. – Então minha família não presta, é?

– avançou para a mulher. – Me diga, Rubina, minha família não presta?

Joãozinho colocou-se entre os pais:

– Meu pai, se acalme...

– Pois eu vou dizer quem não presta aqui! É o senhor, seu Joãozinho! Tem essa fala mansa, cheia de palavrório, mas não me serve pra nada na fazenda! Não tem força pra cuidar da cana, nem jeito pra cuidar do alambique, nem pulso pra vigiar peão. Pra nada você me serve. Até o seminário me devolveu você! E ainda diz que trabalha na estrada de ferro... E lá limpar trilho é serviço de homem? Um calça-frouxa, é o que você é!

– E também sou da sua família, não sou? Sangue do seu sangue. E, conforme o senhor mesmo disse, não presto! Igual o Maneco!

Era a primeira vez que João o enfrentava. Nelson não gostou da valentia. Era só o que lhe faltava: "o calça-frouxa querer cantar de galo no meu terreiro". Meteu a mão no chicote que sempre trazia à cinta:

– Você não me responda!

Rubina separou a briga do jeito que sabia que funcionava:

– Deixe seu pai, Joãozinho! Ele vai dar o ataque!

Nelson encarou Rubina. "É só eu chegar perto do queridinho dela, que a Rubina fala no tal do ataque". A epilepsia era a única coisa que fazia Nelson se sentir fraco.

– Vira essa boca de sapo pra lá, mulher! Faz pra mais de trinta anos que eu não tenho esse ataque!

– Mas se ficar nesse estado de nervos, é capaz de ter.

Rubina foi conduzindo João para dentro da casa. "Sabe me parar, essa danada", constatou Nelson. Ela falava com o filho, mas alto o bastante para que o marido a ouvisse:

– Deixe, Joãozinho. Deixe. O futuro a Deus pertence. A cada um, a sua cruz. Que a de Madá lhe seja leve.

– Amém, mainha.

"Cambada de papa-hóstia", pensou. Gritou para os dois:

– E me chamem Madá!

A última palavra tinha que ser sempre a dele. Nelson jogou-se na rede, mirando o morro. Era mesmo uma excelente proposta, a de Manuel: as terras entre o rio e o morro

em troca da mão de Madalena. Haviam de ser férteis essas terras. E o Manuel não seria louco de maltratar Madalena, a sua Madá, bem ali, nas suas barbas. "Ele me respeita. Bebe, mas não come merda nem rasga dinheiro. Não é doido. Não seria besta de fazer Madá sofrer".

A sua Madá. Já havia completado dezesseis anos, era moça feita. E linda. Uma estampa, mesmo. Pele branca, nariz fino, olho azul, cabelo bom, dourado e encaracolado, com todos os dentes e quadril de boa parideira. Diziam que a família descendia daqueles holandeses que tinham andado por Pernambuco. Podia ser; todos em casa tinham a cara de galego de Nelson. Menos Rubina.

"A escandalosa da Rubina... Nunca que deixou eu segurar Madá no colo", lembrava Nelson, com amargura. Era a caçula e a única menina, mas a mulher não o deixava carregá-la no colo. "Se você tem o ataque, cai em cima dela e mata a criança", era o que ela dizia. Nem os irmãos mais velhos podiam ficar sozinhos com Madá. "Pra não fazer maldade", era a desculpa. Só o calça-frouxa podia chegar perto dela.

Desde que Madalena tinha doze, treze anos, já havia gabiru de olho nela. Nelson tinha até desistido de deixá-la trabalhar na venda da fazenda, de tanto peão que entrava lá e não saía nunca mais, só de prosa, sem comprar nada. E agora, o Manuel vinha com essa proposta. Ele tinha mais de quarenta anos, era um pé-de-cana, mas era parente. E estava oferecendo terras. E não, não seria mesmo besta de fazer Madalena sofrer. "Se fizer, mato ele", jurou.

Que ou quem age com esperteza; patife, bilontra, malandro, gaiato. Conquistador de mulheres; mulherengo.

– Chamou, meu pai? – perguntou Madalena, atrás dele, na soleira da porta.

– Chamei. Você demorou.

– O senhor me desculpe.

– O Maneco...

Ela interrompeu, sentando-se na mureta onde, uma hora atrás, estava Manuel.

– Já sei. Joãozinho contou.

– Aquele calça-frouxa!

– Não gosto do Maneco, meu pai. Ele fede a pinga.

– Ele bebe porque é homem solteiro. Quando tiver mulher e filho, há de criar juízo.

– Ele é velho.

– Não é, não. E moço muito novo é mau negócio. Não tem experiência da vida.

– Mas eu não gosto dele.

– Não gosta agora. Com o tempo, aprende a gostar.

Madalena virou-se na direção do morro, para onde Nelson estava olhando. O sol já tinha quase sumido atrás dele.

– O senhor vai me trocar por essa terra, meu pai?

As palavras dela lhe doeram, mas Nelson não conseguiu olhar para a filha. Já tinha tomado sua decisão. Já tinha até discutido com Rubina e João por causa disso, não podia voltar atrás. Não podia dar prova de fraqueza. Era ele quem mandava naquela casa.

– Não é uma troca. Você vai ser sempre minha.

"Minha Madá...", ele pensou. Mas não falou. Não era homem de chamegos.

– E a terra também vai ser do senhor. Vai ficar com tudo, não é, meu pai?

"Vou", pensou ele. Mas também não falou. Desta vez, não teve orgulho de ganhar. Só que ele não podia mesmo voltar atrás. Tinha que impor respeito. Pela primeira vez na vida, perdeu as palavras. Madalena continuou:

– Lhe devo obediência. Caso com Maneco. Só queria uma coisa pra mim.

"Foi por isso que ela demorou; estava pensando numa condição. Isso é idéia daquele calça-frouxa, na certa", concluiu Nelson.

– Diga.

– Antes de casar, o senhor deixa eu fazer o curso normal em Salvador?

– E pra que você quer mais estudo? Não precisa de curso normal pra ter filho nem pra cuidar de casa e marido.

– Eu sei, meu pai. Mas é só pra viver um pouco.

Nelson olhou bem para Madalena. Olhou como não tinha olhado até então: olhou como se fosse a primeira vez. Viu uma moça linda, forte, sonhadora. E que só queria viver um pouco. De repente, as terras para lá do rio, a fazenda, o Manuel, seus outros filhos, sua mulher, ele mesmo, tudo pareceu morto. Tudo era podre, pobre e pequeno diante daquela moça que só queria viver um pouco. Nelson teve uma vontade imensa de abrir a cancela e deixar aquela moça, a sua Madá, sair daqueles cafundós e viver muito, muito, muito e para sempre.

Mas ele não podia voltar atrás.

– Então vá. Faça esse tal de curso. Acerto o casório pra depois da sua formatura.

– Obrigada, meu pai – e beijou a mão de Nelson. – A sua bênção.

– Deus te abençoe – e disse essas palavras tão gastas com o coração, como nunca havia dito antes.

Madalena entrou em casa. Nelson ficou olhando o contorno do morro no lusco-fusco da noitinha. Tudo parecia morto.

– Mas Madá vai viver um pouco – disse para si mesmo.

Rubina
Jacuípe, 1943

Rubina torrava castanhas de caju nos fundos da casa, na tranqüilidade das duas da tarde, hora em que o movimento do almoço já tinha acabado e o do jantar ainda não tinha começado, hora sem homens para servir nem empregados para dar ordens, a hora de que ela mais gostava. Com uma ripa, revirava as castanhas que empreteciam aos poucos em cima da folha-de-flandres e cantava hinos religiosos com sua voz forte de contralto:

Fina chapa de ferro laminado usada em diversas aplicações, como na fabricação de latas.

– Mãezinha do céu, eu não sei rezar... Eu só sei dizer quero lhe amar... Azul é seu manto, branco é seu véu... Mãezinha eu quero lhe ver lá no céu...

Ou estava concentrada demais no que estava fazendo, ou estava desligada demais de tudo que não era o que estava fazendo. O fato é que Rubina só viu que Madalena havia chegado com Chiquinho no colo e uma

trouxa na cabeça quando a filha, que morava numa casinha lá atrás, colada no alambique, já estava ao seu lado:

– Mainha, me acuda!

– Madá?! Mas o que foi...

– O Maneco tentou matar o Chiquinho!

– Jesus, Maria e José!

Rubina examinou o rosto do neto. O menino, normalmente manhoso e birrento, não estava com cara de ter acabado de escapar da morte: inteiro e rosado, dormia placidamente no colo desajeitado da mãe. Rubina nunca disse nada, afinal Madalena sempre tinha sido muito correta com suas obrigações de esposa e mãe. Mas a verdade era que ela nunca pareceu à vontade com o Chiquinho no colo; carregava-o como se fosse uma jaca, um leitão, uma barra de gelo... Enfim, carregava-o como algo que não encaixava no seu corpo, como os corpos dos filhos sempre encaixam nos corpos das mães. Ainda mais agora, que Chiquinho já tinha três anos; com a cabeça jogada para trás e as pernas sobrando, era como se fosse um saco de batatas nos braços de Madalena. Mas não estava com nenhuma cara de ter acabado de escapar da morte.

– Tentou matar como, Madá?

Ela explodiu num choro soluçado:

– Não agüento mais, mainha! Não agüento mais!

Madalena não era de se queixar. Era jovem e sonhadora, fez um casamento forçado, tinha um marido que não prestava, uma vida dura, mas não era de se queixar. "Bom cabrito não berra", dizia ela. Se estava se acabando de chorar daquele jeito, havia de ser coisa séria.

– Se acalme, Madá. Só a morte não tem conserto. Pro resto, sempre tem um jeito. Venha.

Foram para o quarto de Rubina e Nelson. Madalena deitou Chiquinho na rede do pai. A criança continuou dormindo. Rubina comentou, como quem não queria nada:

– Tá calminho, né? Nunca foi assim...

– Dei chá de mastruço pra ele, pra acalmar. Agora tá aí, dormindo como se nada fosse... – voltou a chorar. – Mas ainda há pouco... Ainda há pouco foi um inferno, mainha! Um verdadeiro inferno!

Madalena desabou sentada na cama do casal, soluçando de não poder respirar. Rubina sentou-se ao lado dela:

– O que é isso Madá? O que te aconteceu, filha?

Madalena só chorava. Rubina resolveu deixá-la desabafar. Encostou o rosto da filha no seu ombro; aos poucos, Madalena foi escorregando e se aninhou no colo da mãe. Rubina lembrou-se então de Madalena criança, e se deu conta de que nunca a tinha visto chorar daquele jeito quando ela era pequena. Quando menina, Madalena não era em nada parecida com o frágil Chiquinho. Sempre foi esperta. Não perdia tempo discutindo, mas tinha lá suas idéias, e quando cismava com uma coisa, não sossegava até conseguir o que queria. Era independente também; era só terminar o serviço, sumia e ninguém sabia dela até a noite. Montava melhor que os meninos; rodava tudo e voltava para casa imunda e feliz. E ainda tinha cabeça para os livros; formou-se professora com louvor, e em escola forte. Tivesse nascido homem, e a história de Madalena seria bem outra, Rubina tinha certeza.

Rubina foi acariciar o braço de Madalena e só aí reparou que ela estava usando o vestido de missa. De mangas compridas. Em janeiro. Quando sua mão resvalou nas cos-

tas da filha, ela se arqueou e gemeu. Rubina tentou acariciar seus cabelos e sentiu um calombo debaixo dos dedos que, quando tocado, fez Madalena tirar a cabeça de seu colo num reflexo. Havia algo errado. Rubina tentou de novo, desta vez com mais energia:

– Diga logo, Madá. O que que tá acontecendo?

Madalena fungou e sentou-se, enxugando as lágrimas:

– Maneco tentou matar Chiquinho...

– Como?

– No berço. Quando entrei no quarto, vi ele sufocando o menino com o travesseiro.

– Virgem Santíssima, valei-me!

– Só a Virgem mesmo, que sabe o que é perder um filho. Fiquei cega. Pulei em cima do desgraçado, agarrei ele pelas costas, foi eu e ele no chão. Levantei não sei como pra tirar Chiquinho dali. O bichinho já tava todo roxo e molinho, coitado.

– Se você me demora mais um pouco...

– Chiquinho morria, na certa! Mas não foi só isso: quando eu tava sacudindo o Chiquinho pra ele voltar a si, Maneco me puxa pela perna. E eu com a criança no colo. Lutei, mas lutei muito, o berço até virou. Aí me

deu um estalo: passei a mão no crucifixo da parede e sentei ele na cabeça de Maneco. Ele caiu, cheio de sangue na testa.

– O cão estava de cara cheia, garanto!

– Pois foi a sorte, mainha! Se Maneco não tivesse de cara cheia, eu não conseguia tirar ele de cima do Chiquinho, não. O infeliz é velho, mas é forte. A sorte foi a cachaça. E o crucifixo, que fez ele desmaiar. Também, bati com uma raiva... Deus que me perdoe.

– Misericórdia. A que ponto chegamos...

– Pra senhora ver...

– Não foi falta de aviso.

Ficaram as duas olhando Chiquinho ressonar, afundado na rede. Rubina ruminava a história que acabava de ouvir. Madalena sacudia o pé; parecia impaciente.

– Diga, Madá... – indicou a trouxa com o queixo – Que é aquilo ali?

– Vou embora, minha mãe – disse num fôlego só e levantou-se.

– Embora?! – Rubina levantou-se também. – Pra onde?

– Pra casa de Joãozinho. Ele não há de me faltar numa hora dessa.

– Vai sozinha? Teu marido sabe disso?

– Não tenho mais marido, mainha. Ele

quis matar meu filho. Agora sou só eu e Chiquinho.

– Mas... O que os outros vão dizer?

– Digam o que quiserem! Não sou nenhuma vagabunda: tô levando meu filho.

– E o teu pai?

– Meu pai?! Não foi meu pai que me entregou pro porco do Maneco? Não devo nada a meu pai! Ele é que me deve! Me deve toda essa desgraça que é a minha vida!

– Madá do céu, pense bem!

– Já pensei, minha mãe. Desse lugar, quero só a sua bênção.

Rubina abraçou a filha bem forte. Madalena se encolheu e gemeu com uma careta de dor. Rubina a encarou, firme:

– Deixe eu ver essas feridas.

– Mainha...

– Tire já essa roupa, Madá!

Madalena obedeceu a mãe com os olhos pregados no chão. Conforme as peças de roupa caíam, se revelavam marcas roxas nas costas, nas costelas, nos braços e nas pernas. Nas nádegas e nos peitos, mordidas quase pretas. Rubina lhe alisou a cabeça e encontrou um galo do tamanho de um ovo. Sentiu o estômago revirar de ódio:

– Filho de uma égua – disse, sem poder segurar as lágrimas.

O carrilhão bateu três horas.

– Se avie, Madá. Daqui a pouco os homens voltam da roça.

Aviar-se; apressar-se.

– A senhora me dá sua bênção?

– E você ainda pergunta? Se avie, vá!

Enquanto Madalena se vestia, Rubina puxou sua maleta de couro de baixo da cama e foi enfiando nela o conteúdo da trouxa: uma meia com algum dinheiro, dois vestidos, uma camisola, um casaco, toalhinhas, cueiros, dois conjuntos de Chiquinho. Um espelho de mão. E uma bruxinha de pano, presente feito pela madrinha de Madalena para o aniversário dela de sete anos. Era um primor de artesanato: calçava botas com cadarço e saltinho, usava calçolas de renda, os cabelos eram presos num coque rebuscado, tinha seios com mamilos e cinco dedos em cada mão, cada um com sua unha. Rubina olhou com ternura para Madalena, que enfiava a combinação pela cabeça gemendo de dor. Deitou cuidadosamente a boneca entre os cueiros de Chiquinho. Fechou a maleta e a encarou:

– Diga, Madá... Você fez essa trouxa agora?

– É! – respondeu ela, depressa demais.

– Com o Maneco desmaiado no meio do quarto?

– É... – Madalena retesou o corpo, alerta.

– Pegou o espelho e a sua boneca com o Maneco desmaiado no meio do quarto?

– Foi, minha mãe! – deu um muxoxo impaciente.

– E trocou de roupa. Com ele sangrando no meio do quarto.

– Não, eu... – hesitou. Recomeçou: – Foi muito de repente, eu saí correndo e...

– E você tava vestindo roupa de missa dentro de casa? E o Maneco ficou desmaiado esse tempo todo? Com uma pancada só, e de um crucifixo de madeira que não pesa nada?

– Minha mãe...

Bastou um só olhar, olho no olho. E Madalena ficou sabendo que a mãe já sabia. E Rubina ficou sabendo que Madalena já sabia que a mãe já sabia.

– Me dá sua bênção?

– Deus te abençoe – e deu a mão para Madalena beijar. – Nossa Senhora te acompanhe, te leve e traga em paz.

– Ela não vai me trazer, mainha. Não posso voltar. Não enquanto Maneco viver.

O carrilhão bateu três e quinze.

– Deixe eu ir. Tem uma marinete às quatro.

Veículo grande para transporte coletivo; ônibus.

– Zefinha leva vocês de charrete. Confio nela. Vai segurar a língua dentro da boca.

Do alpendre, ficou olhando a filha e o neto sumirem na poeira da estrada.

Passou pelas castanhas estorricadas na folha-de-flandres. Chegou à casa de Madalena. A porta estava aberta. Entrou. Foi direto para o quarto. Como ela pensava.

O berço não estava virado. O crucifixo estava no lugar dele. Sem sangue. Maneco sim, jazia de boca aberta na cama, com um corte bobo na testa. Dormia, bêbado. A garrafa de pinga, vazia em cima do baú que ficava aos pés da cama. "Madá embebedou o cão". A garrafa tinha um pouco de sangue no fundo. "Mas é menos esperta do que eu pensava".

Rubina tratou de deixar o quarto como Madalena havia contado que ele estava. E bem que gostou de sentar o crucifixo com vontade na cabeça de Manuel:

– Deus que me perdoe.

Uma, duas, três, quatro, várias vezes. E ele nem reagiu, de tão mamado.

João
Rio de Janeiro, 1943

Só quando João terminou de falar é que teve coragem de encarar Madalena. Sentiu como se fosse se partir em dois com o olhar cortante que ela lhe cravou. Os olhos azuis eram os de sempre. Os mesmos daquele tempo em que eles, ainda crianças, corriam soltos pela fazenda. Mas aquele olhar ele não conhecia. Era doído e furioso ao mesmo tempo. Dava pena e medo. Olhar de bicho ferido e acuado. Ele também não estava gostando nada de ter que dizer aquilo à irmã. O silêncio entre os dois cravava ainda mais fundo o olhar de Madalena na carne de João, mas ele não tinha forças para falar mais nada. Vai ver, ele era mesmo um calça-frouxa, como todo mundo dizia. Ela terminou o que ele tinha começado:

– Ela viu ele fazer isso?

– Ver, ver, não viu – João respondeu. – Mas só pode ter sido o Chiquinho. A Luzia tem o maior xodó com aquele rádio. Foi presente do pai dela, custou um dinheirão...

– Francisco! Francisco, venha cá! – gritou ela para dentro da casa.

– Não briga com o menino, Madá, por favor...

João teve vergonha das próprias palavras. Como Madalena podia não brigar com Chiquinho? Então ele não tinha acabado de lhe contar que o sobrinho havia arrancado o botão do volume do precioso rádio de Luzia? E não era briga mesmo que sua mulher queria quando veio lhe fazer queixa do garoto? Não era briga que ela queria desde que Madá e o filho apareceram de repente na casa deles, no meio da noite?

Chiquinho entrou na sala com seu passo medroso e desconfiado. Era a única criança que tinha entrado naquela casa. Por ele, e com ele, João tinha se transformado num pai. E gostou disso. E achava que Chiquinho também tinha gostado; desde a noite anterior só o chamava de "papai Joãozinho".

Os olhos de Chiquinho não tinham a cor dos olhos da mãe, eram castanhos. Mas o olhar era o mesmo: de bicho ferido e acuado.

– O que foi que eu te falei, menino? – Madalena puxou Chiquinho pelo braço e come-

çou a gritar. – Falei pra não mexer em nada! Em nada! Não foi isso que eu te falei?

– Foi, mainha... – murmurou Chiquinho, recuando.

– E você mexeu no rádio! Não foi, infeliz? Não foi? – ela sacudia Chiquinho enquanto falava. – Fala! Mexeu no rádio! Não mexeu?

– Não.

Madalena largou o braço de Chiquinho com tanta brutalidade que o menino caiu sentado. Ela estava descontrolada:

– Não mente! – e estapeou o filho. – Você mexeu no rádio! – e o estapeou mais, e mais. – Você arrancou a porcaria do botão do rádio! Foi você!

– Não!

Chorando, Chiquinho tentava fugir de gatinhas pelo chão. Os tapas pegavam nas pernas, nas costas, na bunda.

– Chega, Madá! Pára com isso, pelo amor de Deus!

João segurou o braço de Madalena. Ela se soltou com um empurrão. Ele se desequilibrou na perna mecânica e também caiu no chão. Fora de si, Madalena agarrou de novo o braço de Chiquinho com a mão esquerda

e, com a direita, batia nele. De mão fechada. Na cabeça e na cara.

– Foi ele! É culpa dele! É tudo culpa dele!

Sem apoio para se levantar, João tentava deter Madalena segurando-a pelos tornozelos. Não estava conseguindo. Gritou pela mulher.

– Luzia! Acode aqui! Luziaaa!

Madalena não parava. João sabia que ela estava batendo no filho não por causa do maldito botão do rádio. Não era do filho que ela tinha raiva. Era da vida dela. Mas ela não podia bater no pai que a tinha trocado por uma miséria de terra que não valia nada. Nem no marido que a tinha usado; um bêbado desgraçado que tinha tentado matar o próprio filho. Ela não podia bater na frustração de não ter podido ser professora e se manter sozinha. Nem na certeza de não poder voltar para sua terra nunca mais, agora que era fugida do marido. Nem no medo de ser jovem, bonita, matuta e com um filho para criar sozinha na capital.

Nem nele, João, o único irmão em quem Madalena confiava e que não a protegeu dessa desgraça, nem nele ela podia bater. Ele

agora era um aleijado. E ninguém bate num aleijado, nem uma irmã caçula traída. Não, Madalena não podia bater na sua vida. Todos eram mais poderosos que ela. Só o Chiquinho era mais desamparado que Madalena.

Luzia veio do quarto. Demorou uma eternidade para chegar e ainda ficou parada na porta, sem ação. O nariz de Chiquinho começou a sangrar; ele estava a ponto de desfalecer. Num esforço que soltou a perna mecânica, João se arrastou e colocou-se entre mãe e filho.

– Ele tá sangrando, Madá! Pára!

Madalena parou de bater, mas ainda segurava o braço de Chiquinho. Os dois olhares de bicho ferido e acuado se encontraram. Veio outro silêncio que cortava que nem peixeira. Só se ouviam os soluços de Chiquinho. Por fim, Luzia virou-se para João:

– Falou pra ela do rádio?

– Sai daqui – foi só o que João conseguiu dizer.

Dando as costas para o marido que estava largado no chão sem sua perna mecânica e para uma criança que sangrava, Luzia saiu mesmo:

– Foi você que me chamou.

"De que ela é feita, meu Deus?", pensou João, ouvindo o indiferente arrastar de chinelos de Luzia ecoando pelo corredor. A porta do quarto deles foi batida. "Pra todo mundo saber que ela não liga pra ninguém aqui", deduziu João. "Como é que eu fui casar com essa mulher?" E, mais uma vez naquela tarde, ele pensou na sua fama de calça-frouxa.

Madalena pegou Chiquinho no colo. João ainda tentou remediar:

– Pega gelo no...

Ela já tinha sumido corredor adentro. Outra porta se bateu. A do quarto que seria do filho que João e Luzia nunca iriam ter. Porque agora ele era aleijado, e Luzia tinha nojo do coto de sua perna esquerda. Perna que ele havia perdido num acidente na estrada de ferro, onde tinha ido trabalhar porque Luzia queria sair da Bahia e morar na capital. Agora viviam de favor numa casa que pertencia ao sogro. E lá estava João, se arrastando pelo chão do pai de Luzia, porque havia perdido uma perna para agradar aquela pessoa que não ligava para sangue de criança. "Como é que eu fui casar com essa mulher?"

Ele alcançou o sofá, apoiou nele os cotovelos, suspendeu o corpo e sentou-se.

A perna mecânica estava jogada do outro lado da sala. Olhando para a perna esquerda de sua calça pendurada, vazia, sem serventia, inútil, ridícula, pela terceira vez naquela tarde João pensou na sua fama de calça-frouxa. "É... Vai ver, eles têm razão. Sempre tiveram". Tinha sido assim desde criança: "O Joãozinho é um calça-frouxa", diziam todos. Até os empregados. Os irmãos mais velhos, não: eram valentes, bons de briga. Tuninho e Juquinha eram iguaizinhos ao pai. Nelson, mesmo depois de velho, com três filhos homens e adultos, ainda era quem cantava de galo em casa. Ainda dava coça de chicote até no mais velho. Nelson, Tuninho e Juquinha eram temidos, ou odiados, ou temidos e odiados por peões, meeiros, vizinhos, parentes e aderentes. E por João.

Aqueles que plantam em terreno alheio, repartindo a colheita com o dono das terras, normalmente meio a meio.

Quando era menino, João bem que tinha tentado ser como eles. Mas seu físico nunca ajudou; magro e frágil, estava sempre doente. Rubina tinha um armário só para as compressas, as mezinhas, os xaropes, as toalhas e lençóis fervidos e as vasilhas separadas com que paparicava João ao primeiro espirro que ele dava.

Qualquer remédio caseiro.

Quando ficou rapaz, João tentou ser o oposto dos homens da família: entrou para o seminário, onde poderia rezar, estudar, ler e até, quem sabe, escrever suas poesias bem longe daquela macheza bruta de casa. Nelson até que tinha gostado da idéia; João nunca lhe foi útil, e filho padre sempre dava prestígio a uma família. Rubina, católica fervorosa que havia dado nome de santo aos quatro filhos, até chorou de felicidade – e ele nunca tinha visto a mãe sequer sorrir. João só teve que agüentar a caçoada de Tuninho: "Só assim o Joãozinho pára de ser calça-frouxa... Parando de usar calça!"

Mas isso foi fácil. Também foi fácil ser aceito no seminário em Salvador e se adaptar à disciplina rígida dos religiosos, já que João era temente a Deus, recatado e obediente. Difícil tinha sido evitar o assédio de um colega que se apaixonou por ele. João não aceitou o amor do seminarista filho de coronel. Para vingar-se, o seminarista o denunciou aos padres por vaidade e exigiu sua expulsão. Tudo porque João tinha que usar brilhantina no cabelo que, muito liso, lhe caía sobre os olhos, atrapalhando a leitura. Os padres consideraram o pote de brilhan-

tina – e a palavra do filho do todo-poderoso da região, que fazia gordas doações ao seminário – como provas indiscutíveis de que João não era digno de ser um representante de Deus. E ele voltou para aquela macheza bruta de casa.

João não gostava de ver o que o pai e os irmãos faziam para manter os peões sempre em dívida com eles. No final de cada mês, eles deixavam todo o salário na venda da própria fazenda, e no dia seguinte ao pagamento, fatalmente, já começavam outra dívida. Os meeiros não escapavam dessa sina; trabalhavam o mês inteiro por sua conta, custeavam sementes e adubos, e sempre deixavam muito mais do que a metade da colheita na casa-grande. João via isso tudo, não gostava de nada, mas também não fazia nada para remediar a situação. A solução que encontrou foi refugiar-se num concurso público para trabalhar na estrada de ferro e desligar-se dos desmandos da fazenda. Àquela altura, ninguém precisava mais xingar João: ele mesmo já estava se sentindo um calça-frouxa. Sentia que não podia nada contra o pai e os irmãos. A única criatura mais fraca que ele naquela casa

era Madalena. E nem por ela ele fez alguma coisa, quando Nelson a entregou a Manuel em troca de uma braçada de terras.

Uma porta rangeu no corredor. Madalena surgiu, com a pequena maleta de couro e Chiquinho no colo. Cruzou a sala e, sem sequer cravar em João seu olhar de peixeira, saiu, batendo a porta atrás de si.

"Eu falhei com ela de novo", João pensava, quando Luzia apareceu:

– Ela já foi?

– Já.

– Ah... Achei o botão do rádio.

E, sem se oferecer ao menos para pegar a perna mecânica, entrou arrastando os chinelos. João lembrou da mocinha atrevida que Luzia tinha sido, se oferecendo para ele naquela festa de São João, com a boca doce e os olhos de promessa, doida para arrumar um marido que a tirasse de casa. E ele tinha caído nessa arapuca. "Calça-frouxa..."

João pegou na carteira uma fotografia 3x4 de Madalena em que ela, apesar de estar no auge dos seus dezoito anos, apesar de estar vestindo o uniforme da escola normal que para ela tinha sido uma conquista, apesar de estar na Salvador de que tinha

aprendido a gostar, não consegue sorrir. O olhar dela, que ainda não era de bicho ferido e acuado, sai da fotografia e se perde sabe Deus onde. Quem sabe, Madalena já via o que esperava por ela.

João releu a dedicatória escrita no verso da fotografia na caligrafia miúda e firme de Madalena: "Ao bom Joãozinho: nesta lembrança a estima da irmã que lhe quer, Madá. 13/11/1936." E pensou uma coisa lhe que doeu: "Ela nunca mais vai me querer".

Do quarto do casal veio a voz do Orlando Silva cantando *Podes mentir*. "A vida tem um senso de humor muito cruel", foi o que João pensou.

E naquele mesmo instante em que perdeu Madá e Chiquinho, João matou seja lá o que for que sentisse por Luzia. E chorou tudo o que não tinha chorado até ali.

Álvaro
Rio de Janeiro, 1945

Ofegante, Álvaro desmontou e encostou a bicicleta no tronco da amendoeira, ao lado da dela. Madalena já estava na beira da água, sem sapatos, pulando as minúsculas ondas da praia da Moreninha com Chiquinho pela mão. Os dois se viraram para trás, o acharam entre as dezenas de amendoeiras da orla e acenaram, às gargalhadas. Ele acenou de volta. Eles voltaram à brincadeira, jogando água um no outro. Ele puxou o lenço de seda, enxugou o suor da testa e, mandando às favas o caríssimo tecido inglês da calça feita sob medida, sentou-se na raiz da árvore para desfrutar a sombra generosa e refrescante.

"O que eu tô fazendo aqui?" Álvaro não se reconhecia. Advogado e diplomata, entrava e saía do Palácio do Catete quando bem entendia, jantava com senadores, secretários de governo e até ministros de estado regularmente, tinha camarote no Teatro Municipal, suíte no Copacabana Palace

e mesa cativa no Cassino da Urca, só vestia, bebia, comia e fumava do bom e do melhor, era disputado tanto por espalhafatosas vedetes de teatro de revista quanto por digníssimas damas da alta sociedade... E estava lá: na socialmente insignificante Paquetá. Botando os bofes para fora de tanto pedalar uma bicicleta alugada debaixo do impiedoso sol do meio-dia. Na companhia de uma mulher que, não bastasse ser uma simples garçonete, ainda era retirante nordestina. E que para piorar tinha um filho a tiracolo. Mas era tão linda...

A alta sociedade. Estilo de vida caro, glamoroso ou elegante.

Bem verdade que não era só o *high life* carioca que Álvaro freqüentava. Ele não teria conseguido se tornar um advogado de tanto prestígio sem as tramóias, as falcatruas, as maracutaias que o ajudaram a subir na vida. À custa de muita chantagem, suborno, extorsão e tráfico de influências, Álvaro mantinha muita gente boa na palma da sua mão. Por isso todos o recebiam tão bem e faziam tanta questão se serem, ou parecerem ser seus amigos. E para ser tratado a pão-de-ló pelos poderosos, Álvaro contava com a colaboração do *lado b* da sociedade: malandros, escroques, prostitu-

tas, falsários, agiotas. Para o serviço pesado – ameaças, surras, depredações ou execuções – ele contava com o monumental Jorjão, um armário estivador e capoeirista que ele havia tirado do presídio da Ilha Grande. Álvaro tinha muito orgulho de sua vida dupla, à qual ele devia seu sucesso e sua versatilidade. Adorava poder comer caviar no Iate Clube na companhia de empresários e tomar um café pingado num botequim com anotadores de jogo do bicho com a mesma naturalidade.

Bem verdade também que Álvaro não conhecia apenas os tapetes vermelhos e as entradas sociais da vida; já tinha usado muita porta de serviço, já tinha passado horas sem fim restrito a cozinhas e lavanderias. Pois o sofisticado doutor Álvaro era filho de uma empregada doméstica portuguesa e analfabeta. Aos dezessete anos, Amália tinha visto o marido partir num navio de carga atrás de uma vida boa no Brasil. Dois anos depois, tinha recebido um envelope com o dinheiro da passagem de ida. Por mais de quarenta dias, tinha enjoado em alto-mar, e jurado nunca mais cruzar de novo aquele oceano onde tinha despejado suas tripas. Já do ou-

tro lado, tinha conseguido que alguém lesse o papel com o endereço do cortiço onde o marido morava. E tinha chegado lá só para saber que era tarde demais: o homem por quem ela havia chorado diariamente por dois anos, nove meses e vinte e um dias tinha morrido de sífilis três dias antes. Graças a uma mulher da vida que morava no cortiço e se apiedou de sua história, Amália empregou-se de faxineira na casa de um figurão dono de jornal que era cliente dela. Embarrigou dele, foi expulsa da casa do figurão e voltou para o cortiço. Nascido Álvaro, Amália voltou a trabalhar em casa de família e, sem ter quem cuidasse do bebê, era obrigada a carregar o filho para o serviço. Mas Amália era só ignorante, não burra. Passados sete anos, ao constatar que Álvaro era a cara cuspida e escarrada do pai, Amália ameaçou o figurão com um escândalo caso ele não ajudasse no sustento do menino. O figurão, que tinha muitos inimigos políticos e dependia do dinheiro da esposa para tudo, curvou-se à chantagem. E foi assim que, quando ainda usava calças curtas, Álvaro aprendeu com aquela portuguesa analfabeta que o tinha parido a lição que usaria

pelo resto de sua vida. E começou a ter tudo do bom e do melhor. Em poucas palavras: origem humilde por origem humilde, Álvaro reconhecia que também tinha.

Mas daí a assumir compromisso com Madalena... Era verdade que ela não parecia uma nordestina morta de fome. Muito pelo contrário. Com aquela pele de mármore, aquele rosto quadrado, aquele porte altivo, aqueles cabelos louríssimos e aqueles irresistíveis olhos azuis, ela estava mais para estrela de Hollywood; não devia nada a Katharine Hepburn nem a Ava Gardner. Não era à toa que o Fritz, seu cliente alemão, a tinha contratado para trabalhar no restaurante dele. O finório só empregava mulheres para servir as mesas, e não bastava elas serem lindas: tinham que ter uma cara bem alemã, para dar credibilidade ao seu cardápio mais ou menos alemão. Quem diria que seu estabelecimento, tão popular entre artistas e jornalistas, seria apedrejado só porque os alemães saíram da Segunda Guerra como vilões... Por sorte, Álvaro tinha ido ao Fritz antes do quebra-quebra, e foi Madalena quem lhe serviu o famoso chope escuro da casa.

Katharine Hepburn (1907-2003) e Ava Gardner (1922-1990), grandes estrelas do cinema norte-americano.

Álvaro olhava Madalena e Chiquinho muito concentrados na construção de um castelo de areia, e começou ele mesmo a construir seus castelos. Sim, ela fazia uma bela figura. Faltava-lhe apenas um verniz – roupa boa, modos à mesa, traquejo social. Isso, Álvaro podia lhe dar. "E nada melhor do que uma mulher grata", pensava. O Fritz tinha fechado; desempregada, Madalena perderia seu orgulho, e aceitaria que ele lhe arrumasse um bom emprego. Por sorte ela era professora formada, não seria difícil para ele mexer seus pauzinhos e lhe arrumar uma vaga numa escola do estado. Quanto ao casamento dela, ele podia arrumar a separação, mesmo à revelia do tal Manuel. E ela não podia continuar morando naquela pensão na Saúde. Quando ela tiver um emprego público, será fácil, fácil lhe arranjar um financiamento para uma casa própria. "Quem sabe um cantinho no subúrbio, com varanda e jardim, um belo ninho de amor..."

O castelo de areia de Madalena e Chiquinho desabou e eles se acabavam de rir. Álvaro listava mentalmente os contatos que iria acionar: um superintendente do insti-

tuto de habitação, um juiz de Salvador, um alto funcionário do Ministério da Educação, todos lhe deviam favores. Saboreando seu próprio poder, viu Chiquinho, só de cuecas, correr para o mar. Álvaro olhava o garoto jogar água para o alto, numa explosão de alegria que ele ainda não tinha visto naquele menino acanhado e arredio. Gostava dele. Gostaria de ser o pai de Chiquinho. Por um momento, pensou no que a ciumenta Amália diria quando soubesse disso. Mas no momento seguinte, Álvaro não pôde mais pensar na mãe: Madalena estava só de combinação. E estava indo para a água. E entrou no mar. E mergulhou. E mergulhou de novo. E pegou Chiquinho. E o jogou para o alto, como o menino tinha feito com a água. E estava vindo para ele, com a combinação encharcada, transparente e colada ao corpo, puxando o filho pelo braço, correndo e rindo toda marota, como criança que acabou de fazer travessura. E admirando o milagre que era aquela sereia do sertão, Álvaro se convenceu de que afinal não seria um sacrifício assumir compromisso com Madalena.

Convencer Amália não era tão fácil. Porque o mesmo doutor Álvaro que mandava

e desmandava na polícia e no malandro, na lei e na contravenção, nos famosos e no submundo da capital da República, da porta para dentro daquele sobrado onde morava com a mãe no Cosme Velho era apenas Alvinho, o filho de dona Amália. Ela é que o tinha na palma da sua mão: aos trinta e nove anos de idade, Álvaro só saía de casa vestido com as roupas que ela escolhia. E só por causa dela ele não tinha seguido a carreira de diplomata: "Diplomatas trabalham noutros países, ó pá! E daqui não saio, que não sou louca de despejar as tripas novamente. E se tu me deixas, mato-me!" Álvaro acreditava na mãe; já a vira envenenar-se com raticida por causa de uma *crooner* que o perseguia dizendo-se grávida dele (uma inconveniente, só Jorjão resolveu o caso). Por isso, Álvaro tratou de preparar bem Amália antes de lhe apresentar Madalena e Chiquinho.

Cantor de música popular que canta com orquestra ou conjunto instrumental.

– Então queres casar com uma mulher usada, ó Alvinho? E já com filho de outro?

– Mas mamã... A senhora também foi uma mulher sozinha com filho pra criar. Deve saber melhor do que ninguém como isso é difícil.

– Ora se sei! E nem por ser difícil saí atirando-me nos braços dos gajos solteiros! Essa sirigaita tem que saber qual é o seu lugar! E é bem longe do meu filho, pois!

– Dê uma chance a Madalena, mamã. Só uma. Garanto que se a senhora passar uma hora com ela, vai se encantar como eu me encantei. E o Chiquinho é tão...

– Uma hora? – interrompeu ela.

– Uma hora – animou-se ele. – Um almoço, um jantar, o que a senhora quiser!

– Pois... Uma hora basta-me.

– Tenho certeza que sim! – mal podia acreditar que tinha sido tão fácil.

– Mas sabes que não como comida da rua – disse, com uma cara que Álvaro tentou, mas não conseguiu decifrar. – Se queres que eu coma com essa gaja, traga ela cá.

– Obrigado, mamã – beijou a mão de Amália. – A senhora não vai se arrepender.

– Nunca arrependo-me do que faço. Arrependo-me do que não faço.

Na hora, de tão feliz com a transigência da mãe, Álvaro não prestou atenção nessa observação. Foi prestar dois dias depois.

Madalena e Chiquinho passaram exatos trinta e três minutos na casa de Álvaro, o

tempo que levaram para chegar, dizer seus nomes, sentar-se à mesa em silêncio, comer o ralo caldo verde sem paio e quase sem batatas que Amália serviu sem pão e sem vinho, ser informados de que ela estava com uma dor de cabeça terrível, despedir-se e sair. E não chegaram em casa naquela noite; no carro mesmo, Madalena e Chiquinho começaram a se contorcer de dor. Álvaro os levou ao hospital, onde fizeram uma lavagem estomacal para tirar todo o veneno de rato que tinham ingerido. "Agora ela não é mais burra de se auto-imolar", pensava Álvaro, sozinho ao volante, na volta. Quando entrou em casa, Amália se fartava com uma bacalhoada regada a vinho tinto:

– E não traga mais raparigas para a minha casa.

Diante de Amália, Álvaro ainda era aquele garotinho que, condenado a ajudá-la no tanque, na pia ou no esfregão, ouvia sempre a mesma sentença: "Tu só tens a mim. E eu só tenho a ti". Ele podia derrubar um presidente. Mas não podia enfrentar dona Amália.

E não enfrentou. Mas também não ficou sem Madalena: conseguiu para ela o emprego de professora numa escola normal, o

financiamento para a casa própria e o divórcio de Manuel. E lhe propôs casamento. Escondido.

– Escondido, Álvaro? E tem cabimento uma coisa dessa? Você é homem feito! – reclamou Madalena, obviamente desapontada.

– E ela é uma mulher velha e sozinha, Madá. Tenha compaixão. Ela só tem a mim.

– Você vai entrar aqui de noite e sair de dia, é? – riu. – Essas mexeriqueiras da rua é que vão se fartar! Vão sair dizendo por aí que eu sou teúda e manteúda, isso sim!

– E você se importa?

– Nadinha. Agora posso dizer: ninguém paga minha comida! Não preciso dessas janeleiras pra nada. Cada um que cuide da sua vida, que eu cuido da minha.

– Melhor assim. Vamos cuidar da nossa vida, e o mundo lá fora que se dane.

– Só tem uma coisa que eu quero: mainha. Depois que enviuvou, tá rolando da casa de Tuninho pra casa de Juquinha, sendo destratada pelas noras... Morro de pena. E de saudade. Vou mandar buscar ela pra morar comigo.

– Manda, ué! – alegre com a simplicidade do pedido, beijou-a. – A casa é sua!

E assim o poderoso doutor Manuel continuou a ser o Alvinho da porta para dentro do sobrado do Cosme Velho. E dona Amália continuou a pensar, satisfeita, que ele estava cada noite com uma mulher, porque quem tem todas não tem nenhuma. Mas nenhum dos dois nunca soube se era Amália que tinha a Álvaro, ou se era Álvaro que tinha a Amália.

Domício
Rio de Janeiro, 1958

Olhou o relógio: exatos três minutos depois da última vez que tinha olhado. "Uma e cinqüenta e oito. Melhor ir logo. O que tiver que ser, será", suspirou. Mas falar era mais fácil do que fazer. Para ganhar tempo, arrumou pela centésima vez naquele dia a mesa de trabalho; alisou a capa da máquina de escrever, verificou se todos os carimbos estavam arrumados na ordem de uso, dispôs o telefone numa linha rigorosamente paralela à bandeja de entrada e saída, empurrou o bloco de papel carbono dois milímetros para a esquerda, verificou na bochecha se todos os lápis estavam suficientemente apontados, soprou uma audaciosa partícula de poeira que tinha se instalado no porta-retrato, bem no nariz de Hilária. Tudo certo. Como se ele não soubesse.

Domício era o único funcionário da repartição que não só mantinha o próprio trabalho escrupulosamente em dia, como desafogava a mesa dos colegas e, se neces-

sário fosse, e sempre era, levava carradas de processos para casa para agilizar os trâmites à noite e nos finais de semana. Tudo para zelar pela reputação do instituto de previdência. Nada o magoava mais do que ouvir dizerem que o serviço público não funcionava. Tomava para si a ofensa. Afinal, Domício tinha a honra de ser funcionário público. Sentia-se parte da engrenagem que colocava o país em movimento. Mesmo que ele fosse apenas uma arruela, achava sinceramente que era uma peça daquela máquina que avançaria cinqüenta anos em cinco. Levava a sério seu serviço. Era um espécime em extinção. Era um coitado.

Frase que marcou o mandato de Juscelino Kubitscheck, Presidente da República de 1956 a 1961. Foi o responsável pela construção de Brasília.

Domício ouvia horrores. Para os colegas, era motivo de chacota; era muito esforçado, mas justamente por isso não seria promovido nunca: era eficiente demais para virar chefete. Para a mulher, era um idiota; só um completo imbecil dedicaria a vida àqueles papéis com os quais ninguém se importava: "Imagina se alguém liga pra esses mortos de fome pedindo esmola pro governo", resmungava Hilária. Para os três filhos, era um mau exemplo: "Trabalha tanto que não tem tempo de ganhar dinheiro", desdenha-

va o mais velho, que nem tinha completado dez anos e já achava que sabia tudo da vida. Para os amigos, bem... Domício não tinha amigos. E não por falta de simpatia, mas por falta de assunto: só sabia trabalhar. Não levava jeito para fazer algo que não fosse sua obrigação.

Mas Domício não dava ouvidos aos colegas, nem à mulher, nem aos filhos. Por nada nesse mundo deixaria de dedicar-se de corpo e alma ao serviço. Seu corpo seco e sua alma vazia; e mais dedicaria, se mais tivesse. Graças ao instituto ele tinha conseguido muito mais do que poderia ter sonhado nos canaviais de Jacuípe: Hilária, uma casa só sua, um emprego longe do cabo da enxada. E se tudo isso ele devia ao instituto, o instituto em si ele devia ao doutor Álvaro. E aí começavam todos os seus problemas que, se Deus quisesse, e Ele havia de querer, acabariam aquela tarde, de uma forma ou de outra, às três, no fórum.

Olhou de novo o relógio: duas e um. "Agora eu vou, senão me atraso. Dá pra ir a pé, mas é um estirão". Não foi. Passou na copa do terceiro andar. Serviu-se daquela água suja que só chamavam de café porque

era isso que estava escrito no esparadrapo grudado na garrafa térmica, colocou umas formigas com açúcar na xícara encardida e ficou olhando para os azulejos rachados. Onde estaria àquela hora, se não fosse o doutor Álvaro? "Cortando cana. Debaixo de chuva e sol. Sem Hilária. Morando num alojamento de peão daqueles caindo de podre, à mercê do mão-de-vaca do Tuninho ou do maria-vai-com-as-outras do Juquinha". Duas e doze, gritava o relógio. Respirou fundo, pegou o paletó dos casamentos e enterros e encarou os fatos: "Tenho que ir".

Caminhava pelas ruas do Centro rumo ao fórum como se não fosse ele dentro de seus sapatos; desviava de buracos, carros, camelôs e pedestres sem olhar. Domício não queria ser ele naquele dia. Porque, como ele sabia muito bem, antes do doutor Álvaro tinha a Madalena. Pior: sem Madalena, não haveria doutor Álvaro. E isso só dificultava as coisas.

Domício lembrava como se fosse ontem, e não há treze anos. Dona Rubina, sua madrinha, ainda de luto fechado, mandou chamar ele e a mãe: "Madá escreveu. Tá bem de vida. Casou com um homem bom que acei-

tou Chiquinho. Trabalha de professora, tem até casa própria. Quer que eu vá pra lá. Mas só, não vou. Tenho um medo que me pélo de viajar de marinete, são quatro dias de estrada. Venha comigo, Zefinha. Traga Dodô e vamos em três. Quer?" Nem precisou perguntar duas vezes. Sua mãe era novidadeira que só ela, e que novidade que era ir morar no Rio de Janeiro, para quem não conhecia nem Salvador! E Domício não perdeu tempo: pediu a bênção à dinda e correu para a casa de Hilária.

O que tinha de formosa, tinha de orgulhosa. Hilária era só da roça para casa, de casa para a roça; não ralava cotovelo em janela, não gastava conversa em porta de venda, nem se dava ao desfrute em festa de santo. Domício gostava daquele jeito fechado dela, daqueles modos de quem engoliu uma vassoura, com o pescoço duro e as costas retas mesmo quando capinava. Gostava também do seu olhar, sempre de cima para baixo. "Coisa de gente digna, que não se mistura", insistia ele. Até do fato dela não lhe dar nenhuma atenção Domício conseguia gostar: "É moça séria, a Hilária". E era isso que importava.

Pois foi exatamente naquele dia em que a carta de Madalena chegou que Domício conseguiu a atenção da formosa orgulhosa. Pediu licença, bateu o barro dos pés na soleira da porta, deu boas-tardes para o pai da moça, virou-se para Hilária e disse, sem mais preâmbulos: "Tenho intenção de casar consigo. Vou arrumar um trabalho digno de você e mando te buscar. Vamos morar no Rio de Janeiro". Quando o nome da capital vibrou no ar, Hilária arregalou os olhos para ele, pela primeira e última vez na vida: "Veremos". E viu. Domício mostrou para ela o seu valor. Por causa de Madalena. Ou do doutor Álvaro?

Sim, porque ir morar na capital federal tinha sido só o primeiro passo para chegar ao coração de Hilária. A vida de Zefinha, Madalena resolveu fácil: a pegou para empregada; afinal, a mãe de Domício, que já era cria da casa, tinha servido àquela família praticamente desde o nascimento. Foi o doutor Álvaro quem arrumou para Domício a nomeação para o instituto de previdência e o financiamento para a sua casa própria. E foram esse emprego e essa casa que lhe deram moral para mandar a passagem para

Hilária. E de semi-leito, para ela ver bem que ele estava podendo.

Sentado no banco de madeira do corredor longo e escuro do fórum, Domício olhava para os calçados velhos, mas impecavelmente engraxados; seus pés, que só viram sapato no Rio, ainda reclamavam da prisão de couro barato. Ele não queria estar ali. "Como vou escolher entre Madalena e doutor Álvaro?" O tormento tinha começado duas semanas antes, quando Madalena telefonou para a repartição pedindo que ele testemunhasse no processo da separação dela: "Diga a verdade", pediu. Parecia fácil; Domício tinha crescido com Madalena, sabia que era mulher de juízo, direita. Se estava se separando pela segunda vez era por uma fatalidade. Mas o doutor Álvaro também telefonou: "Veja bem, Domício: eu te dei tudo o que você tem, não dei? Então! É só dizer isso: que eu sou um homem generoso. E de bom coração. Incapaz de fazer mal a uma mosca".

Domício ouviu passos no corredor. Era Chiquinho. Olhando assim, na penumbra, de terno, parecia um homem já:

– Oi, Dodô – estendeu-lhe a mão.

– Oi, Chiquinho – fez as contas. – Tá com dezessete anos, né?

– Dezoito.

– Dezoito. Rapaz, como passa o tempo... – procurava o que dizer, olhando para os sapatos. – Tudo bem?

– Não, né, Dodô? Se tivesse tudo bem, a gente não estaria aqui.

– É verdade – ele tinha que fazer essa pergunta boba. – Difícil acreditar... Os dois sempre se deram tão bem...

– No passado, né, Dodô? Num passado bem distante – e o encarou. – Você sabe o que o desgraçado do Álvaro fez anteontem? Mandou o Jorjão lá em casa!

– Não! – Domício conhecia o Jorjão só de fama, e achava melhor assim; não gostaria de encontrar com ele. – No Lins?

– Em Muriqui! Tacou fogo na casa! Ainda saía fumaça quando a gente chegou lá pro fim de semana. Casa, quintal, tudo virou cinza! Não sobrou nada! Mainha quase morreu quando viu a criação. Galinha, pato, codorna... E a Diana! Até a cadela que ele deu pra ela tava lá, dura, preta... Judiação! O desgraçado sabe como a mainha gosta daquela casa! Ela só fica feliz com o pé na

terra, mexendo com bicho... Ele sabia que ia doer!

– Tem certeza que foi o Jorjão? Pode ter sido um acidente. Sei lá, uma fatalidade...

– Fatalidade aonde, Dodô? A lambreta que o Álvaro tinha me dado, lembra dela? Eu deixava ela em Muriqui porque ainda não tenho carteira, sabe qual é?

– Sei.

– Pois ela não tava lá, dentro da casa, onde sempre ficava! Reviramos tudo, e não vimos sinal. O infeliz pegou ela pra deixar bem claro: fui eu que mandei fazer!

– Sei não, Chiquinho... Pode ter sido um ladrão qualquer.

– Ladrão, nada! Que ladrão ia tacar fogo em móvel, comida, roupa, rádio, geladeira? Tudo queimado! Ele só levou a lambreta – e sua voz se embargou. – E sabe por quê?

– Por que?

– Porque quando ele me deu a lambreta, eu disse pra ele: é a coisa mais valiosa que eu tenho. E sabe o que ele fez com ela depois? Largou no portão da casa do Lins! Quando voltamos de Muriqui ela tava jogada lá, toda amassada a golpe de marreta, pneu rasgado, banco destroçado... Alguma

dúvida de que foi o Álvaro que mandou acabar com tudo?

– Puxa, Chiquinho... Não sei o que te dizer.

– Não diz nada pra mim, não, Dodô. Diz pro juiz – e, como se de repente tivesse tido um pensamento ruim. – Você veio pra defender mainha, não foi?

– Claro, Chiquinho – as coisas ficavam mais difíceis a cada momento. – Claro.

– Desculpa, mas tenho que perguntar. O Álvaro compra todo mundo... Sei lá se você tá aqui pra defender ele.

– Tô aqui pra dizer a verdade.

Um homem apareceu na porta do corredor e chamou Domício. Tinha chegado a hora. Chiquinho levantou-se e apertou a mão dele:

– Obrigado, Dodô.

Domício entrou para depôr. Não, ele não queria mesmo estar ali. Mas estava.

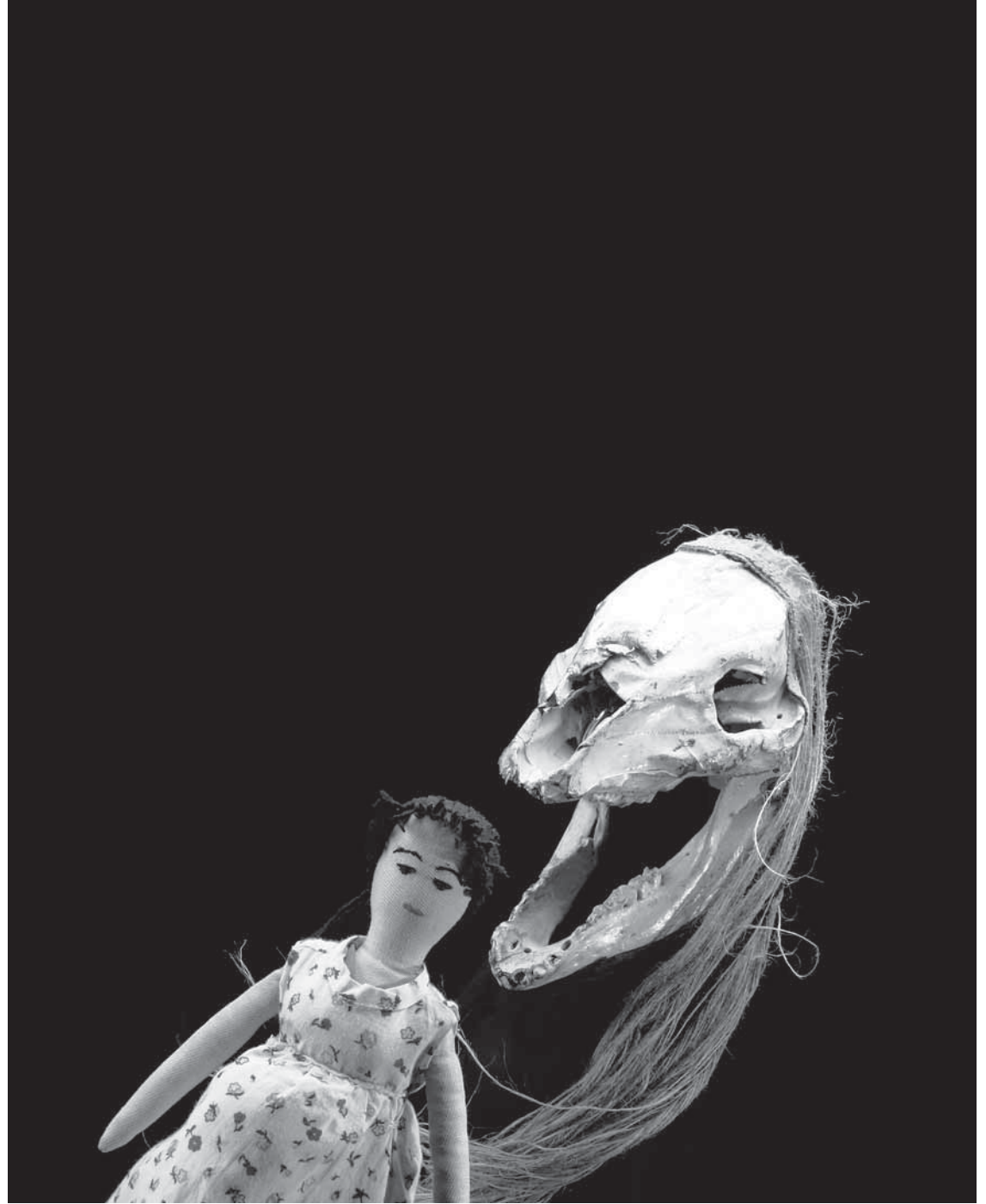
O tempo fez o seu papel: passou. E aquela tarde, para alívio de Domício, acabou. E com ela, a audiência.

Chacoalhando no trem lotado, abraçado a uma tonelada de processos, na volta para casa, Domício ainda pensava no que tinha

dito. Fez o que achou que tinha que fazer, sim senhor. Era um homem correto, trabalhador, cumpridor de seus deveres. E, acima de tudo, justo. Sabia reconhecer as verdadeiras amizades. Sabia dar valor a quem lhe tinha estendido a mão. E foi na casa de Madalena que ele nasceu, assim como sua mãe tinha nascido.

E morrido.

Zefinha morreu na capital, sim. Mas tísica, e no quarto de empregada. Domício cresceu com Madalena, sim. Mas da cozinha não passava. Usava roupa que Tuninho botava fora. Comia o rejeito de Juquinha. Sapato, só foi ter aos vinte anos. Seus filhos, não. Eles tinham a casa deles. E roupa nova. E estudo. Graças a Deus. E ao doutor Álvaro.



Dulce
Rio de Janeiro, 1966

Aquilo não podia estar acontecendo com ela. Com ela, não. Dulce olhou mais uma vez para o exame: positivo. "Isso não tá acontecendo", teimava. "Trocaram meu exame".

Depois da mais longa e escura de todas as noites, Dulce pegou o dinheiro da feira e refez o exame em outro laboratório, também bem longe de casa, usando desta vez a aliança no anular esquerdo para evitar o olhar indiscreto da atendente:

– Estado civil?

– Casada.

Trancada no banheiro do laboratório com o envelope do segundo exame na mão, Dulce já não queria mais ler o que estava escrito. Mas tinha chegado até ali. Criou coragem e leu: positivo.

– Tem uma criança dentro de mim... – disse para o espelho, olhando pela primeira vez sua cara de mãe.

Não adiantava mais se enganar. Se é que algum dia se enganou. Porque seu coração

não havia precisado de exame nenhum para ter certeza; já batia mais forte desde o primeiro atraso, conhecia por dentro aquele corpo.

"Tenho que contar pro Francisco", pensou. Eram seis anos de namoro. E quase dois meses de noivado, desde o carnaval. Aquele carnaval que era para ser o mais lindo de sua vida. Uma semana antes do sábado da folia, Francisco a pediu em casamento para Maria, irmã um ano mais velha que Dulce, que respondia pela mãe delas. E escolheu essa data por uma razão muito prática: na condição de noivo, Francisco podia levar Dulce para passar o reinado de Momo em Rio das Ostras, na casa de praia que dona Madalena estava construindo. A casa ainda não estava terminada, não tinha luz nem água encanada. Mas Dulce até que achou essa precariedade muito romântica, e se animou toda com o convite – apesar de Francisco ter garantido para Maria que a mãe dele ia junto.

Mas dona Madalena não foi. Pela primeira vez, Dulce e Francisco estavam sozinhos com quatro paredes em torno deles e a quatro horas do Rio de Janeiro. Depois de anos e anos de bolinações e contorcionis-

mos na escada do prédio dela, nas corridas de submarino nas praias desertas e na última fila do cinema nas tardes de segunda-feira, Francisco finalmente exigiu a famosa prova de amor. Dulce, muito mais do que ser jovem na era do *rock'n roll*, da minissaia e da pílula, era católica praticante, nascida e criada em Cururupu: queria porque queria casar virgem. Ou, pelo menos, tecnicamente virgem. Mas Francisco lançou o golpe de misericórdia na resistência de Dulce:

– Mas você vai casar comigo mesmo! Já estamos até noivos! Pra que esperar?

Não esperaram. Era para ser tudo lindo: uma cesta com pão, queijo e vinho tinto, muitas velas acesas em pratos de ágata, um colchão de casal comprado entre risinhos num bazar de caridade da cidade mais próxima, a chuva de verão tamborilando no improvisado telhado de zinco. Porém, para infelicidade de Dulce, Francisco também não era tão moderno assim: queria porque queria ter a prova da honra dela e da façanha dele – a mancha de sangue no colchão. Mas não havia sangue nenhum.

Francisco explodiu de ódio. Berrava, xingava, exigia explicações. Dulce, conster-

nada, não tinha o que explicar. Sabia apenas que nunca tinha tido relações com ninguém, que ninguém antes dele havia sequer posto a mão no seu traseiro, quanto mais!

– Você é uma arrombada! Uma desgraçada de uma arrombada! Bem que eu desconfiei! Cheia de conversinha de pecado e não sei o que mais, mas nunca negou uma safadeza! Deve dar mais que chuchu na serra! E eu aqui de otário, bancando o noivo!

Verdade; Dulce nunca lhe negou nada. Achava que amar era nunca dizer não. Nua, jogada naquele colchão de palha com manchas de tudo, menos de seu sangue, desamparada naquele quase-casebre cercado de nada, Dulce ouvia aqueles insultos sem ter como rebater.

– Vai ficar aí calada, olhando pra minha cara? Não vai dizer nada? Não vai inventar mais mentiras, nem pra se defender? É uma descarada, mesmo! Quem cala, consente!

Francisco enfiou as calças e saiu na escuridão, no meio da chuva. Dulce ficou no colchão, assustada demais até para chorar. As velas já tinham se acabado há muito quando ela conseguiu dormir. Quando amanheceu, viu Francisco dormindo no banco de trás do

carro de dona Madalena, o mesmo banco onde tantas e tantas vezes... Bateu no vidro.

– Vambora – rosnou ele. – Meu carnaval acabou.

Ficaram sem se falar uma semana. Aí Francisco voltou. Mas voltou para brigar:

– Já que você é arrombada mesmo, não preciso mais ter cuidado contigo. Quero mais! E não vou ficar só na esfregação, não! De hoje em diante, eu quero é tudo! Se quiser ficar comigo, agora é assim!

Apesar de humilhada, injustiçada, usada, Dulce continuou não negando nada a Francisco. Achava que o amor que sentia por ele justificava qualquer ato, curava qualquer ferida. Aos poucos ele foi perdendo a brutalidade; voltou a ser só rude, como sempre havia sido. Dulce soube depois que existia uma coisa chamada hímen complacente, mas, quando foi falar sobre isso com Francisco, ele nem quis ouvir:

– Tá se defendendo agora pra quê? Agora é tarde! Arrombou, tá arrombado!

E naquele pé estavam quando sua regra atrasou. "Tenho que contar pro Francisco". Mas não contou: só mostrou para ele os exames, depois de embaçarem os vidros do

carro de dona Madalena na lonjura do Grumari. Dulce estava preparada para tudo, até para violência física. Achou mesmo que ele podia jogá-la para fora do carro e abandoná-la naquele breu. Já esperava qualquer coisa de Francisco. Menos o que ouviu:

– Vamos falar com mainha.

Simples assim. Depois de lhe cuspir na cara todo tipo de injúria e acusação, depois de passar semanas abusando dela sexualmente, depois de martirizá-la com todo o seu desprezo, Francisco simplesmente pegou o papel higiênico no porta-luvas:

– Se limpa aí.

E Dulce se limpou. "Então, na verdade, ele nunca duvidou de mim", concluiu ela, quase feliz. E nem pensou na conseqüência imediata dessa conclusão: se Francisco nunca havia duvidado dela, a tinha supliciado por quê?

– Vamos resolver isso agora – arrematou, girando a chave. – Não quero que ninguém diga que não assumi a minha responsabilidade.

Enquanto Francisco guiava compenetrado pela estrada ruim, Dulce ia sacolejando e pensando no que estava prestes a

acontecer. Pensava na mãe doente, naquele entra-e-sai de hospital psiquiátrico, ora dopada com tranqüilizante, ora fora do ar por causa dos choques, ora tentando se jogar pela janela. Dos irmãos, só Dulce e Maria eram solteiras; no Rio só tinha outra irmã casada e com filho pequeno, o resto estava tudo espalhado Brasil afora. Como Dulce podia largar a mãe nas costas da irmã? Não era justo. Maria era noiva há um ano, estava montando apartamento, juntando enxoval, segurando lugar na fila da igreja para casar-se no mês de maio, fazendo tudo nos conformes, enfim. E, apesar de nunca ter destratado Francisco, Maria tampouco gostava desse namoro; sempre que podia, trazia à tona esse assunto: "Cuidado com esse Francisco. É filho de mulher separada. Não tem emprego e fica enrolando em cursinho pré-vestibular. Não namora em casa como se deve, não quer conhecer os manos, sabe que paizinho é morto, sabe que mãezinha é doente... Abre o olho!" Dulce já imaginava o que Maria iria dizer quando soubesse de sua gravidez.

– Só uma coisa – disse Francisco, sem tirar os olhos da estrada. – Isso fica entre

nós. Entre nós e a mainha. Teus irmãos não precisam saber de nada. Nem Maria. Não quero ninguém falando na minha orelha. Vamos resolver esse problema sem eles. Entendeu?

– Entendi.

"Esse problema" ecoou dentro da cabeça de Dulce. Aquela criança que crescia dentro dela agora era um problema. Um problema só deles. E de dona Madalena. Teve um calafrio ao pensar em dona Madalena.

Dulce nunca tinha tido problemas com ninguém. Entre os nove irmãos, era famosa por ser a mais cordata. Para os pais, tinha sido a mais obediente dos dez filhos. Se algum dia foi atingida pela inevitável maledicência que grassa no seio das grandes famílias, foi justo por ser cordata e obediente em demasia: "Aquela ali é uma sonsa", envenenavam as tias solteiras ou com maus filhos. De forma que Dulce atravessou a infância e a adolescência sem saber o que era um bate-boca, uma mal-criação, uma cara feia, um cospe-aqui-se-tem-coragem. A primeira pessoa que gritou com ela neste mundo foi Francisco. E a primeira pessoa que lhe foi hostil nesta vida foi dona Madalena.

Não é que Dulce se desse mal com dona Madalena. Apenas não se dava bem, como sempre sonhou que se daria com a mulher que tinha parido o seu amado. É que dona Madalena tinha outros planos para o filho, e deixou isso bem claro logo na primeira vez em que viu Dulce. Foi quando Francisco a levou para almoçar com a mãe, que estava de aniversário. Na época, Dulce ainda pesava menos de quarenta quilos pela depressão que havia sofrido com a morte repentina do pai, ocorrida dois anos antes do namoro começar. Mas dona Madalena também tinha sua convidada para esse almoço: uma aluna da escola normal que ela estava empurrando para os braços de Francisco – e que Dulce nunca soube se ela convidou antes ou depois de saber que o filho ia acompanhado. Ao dar com seus olhos azuis congelantes em Dulce, dona Madalena olhou-a de cima a baixo e virou-se para Francisco: "Ela é doente?" Almoçaram a quatro, com dona Madalena e a tal da candidata a nora conversando e rindo e ignorando Dulce ostensivamente, e Francisco todo cheio, no centro das atenções. Mesmo passados seis anos, aquelas palavras ainda ecoavam den-

tro da sua cabeça sempre que ela encontrava dona Madalena: "Ela é doente?"

E era para essa pessoa que Dulce estava indo agora contar o seu "problema".

Chegaram à casa do Lins; era uma rua larga e pavimentada, mas escura e que terminava no morro. Dulce não gostava daquele lugar. Menos ainda do ar daquela casa. Tão diferente das casas em que viveu, nos tempos de paizinho vivo e mãezinha sã. Nenhuma delas era própria, mas todas eram vivas. Havia risos, ou música, ou beijos, ou cheiro de bolo. Ali, não havia nem luz acesa.

Dona Madalena apareceu na varanda assim que o portão foi batido:

– Chiquinho? Chegou cedo – acendeu a luz da sala e encarou os dois. – Algum problema?

– Mais ou menos, mainha – e ele olhou para Dulce. – Espera aqui na sala. Eu falo com ela.

– Tá – o que mais podia responder?

– Falar o quê? – alarmou-se dona Madalena.

Dentro da cabeça de Dulce ressoava: "Ela é doente? Ela é doente? Ela é doente?"

– Vamos lá dentro, mainha.

Francisco e dona Madalena sumiram na penumbra do corredor. Dulce apurou os ouvidos, captou um zum-zum-zum, mas não conseguiu entender o que falavam sobre o seu "problema". Sentou-se na ponta do sofá. Sentiu o esperma seco de Francisco, mal limpo no aperto do carro, repuxar os pêlos lá embaixo. Passos. Francisco e dona Madalena voltaram. Na cabeça de Dulce voltou o eco: "Ela é doente? Ela é doente? Ela é doente?"

– Tá tudo certo, Dulce. A gente casa e vem morar aqui.

Dulce abriu a boca, mas perdeu as palavras. Dona Madalena lhe estendeu a mão:

– Passo a pasta – sentenciou, sem nenhuma expressão em seus olhos de *iceberg*.

Grande bloco de gelo flutuante.

E Dulce ficou sem saber se essa pasta era um prêmio ou um castigo.

Cláudia
Rio das Ostras, 1975

"E agora a famosa escritora Cláudia Costa ia viajar para São Paulo para lançar mais um de seus maravilhosos livros e dar mais um monte de entrevistas. E agora vemos imagens da escritora dando autógrafos para uma multidão de fãs, e apertando a mão do presidente da República, e dando a volta ao mundo, e..." E um cutucão no ombro direito fez Cláudia despertar. Estava com a cara enfiada pela janela aberta, de olhos fechados, abrindo a boca para engolir vento. E pensando. Porque pensar ela podia, e pensando ela podia tudo.

– O Geraldo tá mandando você sentar direito – ralhou a avó. – Não tá vendo que é perigoso? Se passa um caminhão, arranca a tua cabeça!

– Desculpa, Dinda – e se ajeitou na poltrona, sem graça.

– Obrigado, dona Madalena – o motorista sorriu para o espelho retrovisor interno.

Madalena, que já estava perto de se apo-

sentar, trabalhava só dois dias na semana. Ia para Rio das Ostras todas as quartas-feiras de manhã e voltava para o Rio todos os domingos. Sempre na poltrona dois, aquela bem atrás do motorista, "porque se for bater, ele tenta salvar a pele dele, e salva a minha também", garantia ela. Ao contrário da maioria das pessoas, preferia o corredor; achava a vista melhor daquele ângulo, de onde enxergava o pára-brisa inteiro. Ela conhecia pelo nome todos os motoristas da Macaense, perguntava pelas mulheres e filhos deles, presenteava frutas e ovos, dava gorjetas. Mas o seu motorista preferido era o Geraldo, que sempre fazia vista grossa quando ela carregava animais vivos no ônibus, coisa terminantemente proibida pelo regulamento da empresa.

– Se me der aborrecimento, não te trago nunca mais! – disse a avó.

– Desculpa.

Era a primeira vez que Cláudia e Madalena viajavam juntas, só elas. A menina estava completando nove anos naquela quarta-feira e havia pedido de presente viajar para Rio das Ostras com a Dinda. A sexta-feira seguinte era feriado, e a escola ia fa-

zer conselho de classe na quarta e na quinta anteriores – desculpa para paredinha, todo mundo sabia. Livre da escola por três dias, Cláudia não contou tempo: pediu a viagem. Madalena não pareceu triste nem contente com o pedido. Dulce é que não gostou:

Feriado prolongado.

– Vai passar o aniversário longe da gente, Cláudia?

Como se fizesse diferença... Nunca faziam coisa nenhuma, muito menos nos aniversários! O pai não gostava de nada. A mãe não fazia nada que o pai não fizesse. A Dinda fazia um monte de coisas legais, mas só fazia sozinha. Zoológico, foram uma vez; a irmã do meio ficou com medo quando soube que aquele cachorrão na jaula era o lobo, saiu correndo, o pai brigou, voltou todo mundo para casa. Circo, foram uma vez; o caçula abriu o berreiro quando viu os trapezistas voando em cima da cabeça dele, ninguém conseguiu calar a boca do garoto, o pai brigou, voltou todo mundo para casa. Parque de diversões, foram uma vez; as três crianças, verdadeiros arigós de tanto que só ficavam dentro de casa, morreram de acanhamento de andar nos brinquedos,

Indivíduo simplório; rústico; matuto.

não quiseram ir em nenhum, o pai brigou, voltou todo mundo. Para casa, claro.

A única coisa que a família fazia junta era ir para Rio das Ostras nas férias – e, por sorte, Francisco era professor e tinha duas férias por ano, igual às crianças. De Rio das Ostras, Francisco parecia gostar, pelo menos ficava mais calmo lá. E com isso toda a família também ficava mais calma. Mesmo assim, se estivessem na praia, no trecho deserto que freqüentavam, e aparecesse um casal de namorados, pronto: o pai brigava e voltava todo mundo para casa. Não podia ver beijo nem risada, o pai. Achava sem-vergonhice.

– Ela não gosta da gente – palpitou Francisco. – Agora só anda na frente, destacada, já reparou? – e fez aquela cara espertinha que Cláudia detestava.

"Que nem o senhor, né?", pensou ela. Quando iam à missa – o pai também não gostava de missa, mas ia porque a Dinda mandava – ele andava na frente, a metros do resto da família, como se não conhecesse ninguém, como se tivesse vergonha deles. Mas Cláudia não era besta de responder ao pai. Ainda mais quando estava fazendo um pedido.

E assim ela foi parar naquele ônibus com a Dinda. Claro que ela estava careca de conhecer Rio das Ostras, mas apostava que, sozinha com a avó, tudo ia ser bem diferente da vida normal. E a primeira grande diferença aconteceu já na rodoviária: foi ver como a Dinda era simpática e conversadeira com os outros, como ria o tempo todo.

Porque, em casa, a avó não dava trela para ninguém – saía, trabalhava, voltava, viajava, saía de novo. E nem por dormir no mesmo quarto que ela, nem por ser a neta mais velha, sua afilhada e metida a madura, nem por acompanhá-la nas novenas e ajudar a limpar os santos do oratório, Cláudia desfrutava de algum privilégio afetivo com Madalena. Mesmo assim, ela gostava de estar com a Dinda, de olhar a avó fazer as unhas dos pés, pintar os cabelos e exercitar-se nas engenhocas que comprava no comércio popular do Saara. "Vaidade é pecado", comentava Dulce com as filhas a título de lição de moral, quando tinha certeza de não ser ouvida pela sogra. E, de fato, Cláudia nunca tinha visto a mãe fazer nada para ficar bonita.

Cláudia já tinha reparado que, sempre que queria dar exemplo para as filhas, Dul-

ce usava a sogra: “bagunceira igual a dona Madalena”, “rueira igual a dona Madalena”, “desligada igual a dona Madalena”, “egoísta igual a dona Madalena”, “grudada com bicho igual a dona Madalena”. Cláudia também já tinha reparado que, sempre que podia, a Dinda desdizia o que dizia a mãe: “água do poço sem filtrar é mais gostosa”, “estudar demais deixa a gente vesgo”, “dormir com cachorro na cama não é porcaria, bicho é mais limpo que gente”, “amendoim alimenta mais que arroz com feijão”.

Nessa guerrinha das duas, claro, a mãe saía perdendo. Além de ser a encarregada de todos os nãos disciplinadores, Dulce era, aos olhos de Cláudia, infinitamente menos interessante que Madalena. Dulce levava bronca do marido, que nem criança. Madalena tinha fugido do marido, que nem heroína de romance. Dulce vestia beges e marrons, no máximo com estampadinho de florzinha. Madalena vestia amarelos e fúcsias, no mínimo com estampa psicodélica. Dulce usava a metade de um guarda-roupa de duas portas que vivia escancarado e só tinha roupa, mesmo. Madalena enchia um guarda-roupa inteiro que ocupava toda a

parede e ia até o teto, uma cômoda, uma estante e um baú – este, trancado a chave, adorável mistério. E todos os móveis dela eram abarrufados de deliciosos bagulhos. Sempre que sentia que a Dinda estava disposta, Cláudia lhe pedia para mostrar seus teréns. Guardanapos amarelados de um Bar Fritz, fitas de embalagem de presente, passagens de navio, papéis de bombom, plumas de antigas fantasias de carnaval, chaves enormes e enferrujadas, poemas de amor escritos em entradas de teatro, canetas-tinteiro, luvas de couro comidas por traças e caixas de charuto com melindrosas na tampa. Mas nada, nada mesmo se igualava àquela boneca de pano que Madalena tinha ganho da madrinha.

– É muito linda, Dinda... – e, com a melhor cara de cachorro de porta de açougue que sabia fazer – Um dia me dá ela?

– Dou. Um dia.

"Mentira". Cláudia sabia que nunca ia ganhar aquela boneca. Mas uma coisa do tesouro da avó ela ganhou: o manequim! Um antiquado e fantástico objeto que reproduzia o corpo de Madalena de trinta anos atrás e que, mesmo sem cabeça nem

braços, Cláudia vestia e conversava e empurrava pela casa e brincava que era sua mãe legal.

– Leva isso – e Dulce deu a Cláudia uma forma embrulhada num pano de prato. – Você não quer estar com a gente no aniversário, mas também não precisa ficar sem bolo.

Cláudia simplesmente odiava carregar comida; não sabia por quê, mas odiava. Só que a mãe estava tão triste que ela não teve coragem de fazer malcriação, e sentiu até culpa por querer estar longe dali no aniversário. Mas viajou assim mesmo.

Já em Rio das Ostras, quando Cláudia desenformou o bolo de laranja e o colocou em cima da mesa, Madalena foi rápida:

– Ótimo! Já temos almoço, lanche e jantar!

E foi aquilo mesmo que elas comeram o dia inteiro: bolo de laranja – e só. E aquela foi a segunda grande diferença entre a vida com a Dinda e a vida normal: no quesito alimentação, a avó era doida. No começo, Cláudia até achou delicioso; na segunda refeição de bolo de laranja, já estava enjoada. Mas não reclamou, afinal, foi ela mesma quem pediu para estar ali. E não reclamaria

nunca, muito menos para a mãe – para ela não achar que tinha sempre razão. Acabado o bolo, Dinda não economizou imaginação: era ovo cozido com manga verde e sal, milho assado na brasa com caju, laranja com aipim, pão com barra de chocolate dentro... Fora o café instantâneo dissolvido no leite condensado.

A terceira grande diferença entre a vida com a Dinda e a vida normal era a praia. Elas iam a pé, e a avó pedia carona para tudo que era veículo que passava na estrada, fosse caminhão ou charrete, bicicleta ou carro esporte. Essa parte foi engraçada – exceto pela Kombi de freiras, que conseguiu ser mais desconfortável que a caminhonete carregada de porcos. Não que as freiras fedessem. É que a Kombi atolou no areal, e até Cláudia teve que meter a mão na areia quente para cavar embaixo da roda. Deus não ajudou nadinha.

A quarta grande diferença entre a vida com a Dinda e a vida normal Cláudia descobriu na última noite: a avó falava com os bichos. Cláudia e Madalena tinham passado a tarde inteira chafurdando no mangue, catando caranguejo. Quer dizer: Cláudia, apa-

vorada, só segurava o saco de aninhagem que, aqui e ali, era furado por uma pinça ou uma pata que lhe arranhava de leve as coxas. Dinda se metia no mangue, com lama pelos joelhos, e era só enxergar uma bolha de ar na superfície da água que enfiava ali a mão. Afundava o braço até quase o sovaco e trazia o caranguejo, às vezes até um guaiamum. Pois enquanto elas tomavam banho juntas para uma tirar a lama da outra – e aí vinha a quinta grande diferença entre a vida com a Dinda e a vida normal, que era que ela não tinha vergonha de ficar pelada na frente de criança – o saco de aninhagem com todos aqueles caranguejos furiosos e vingativos virou lá fora, do lado da bomba d'água. E eles se espalharam pelo quintal, que já estava escuro – e a casa ainda não tinha luz elétrica. Cláudia não se agüentou: chorou mesmo. Estava em pânico. E se os caranguejos entrassem pelos buracos da telha? E se eles furassem a tela das portas? E se eles já tivessem entrado enquanto elas tomavam banho e estivessem escondidos embaixo das camas, só esperando para atacar quando elas apagassem os candeeiros de querosene? Dinda nem se abalou:

Caranguejo que se destaca pelo tamanho grande, com carapaça de, em média, 10 centímetros, e pelas patas desiguais. Também é chamado de caranguejo-mulato-da-terra, fumbamba, goiamu, goiamum e guaiamu.

– Pára com essa choradeira! Nenhum caranguejo vai entrar aqui. Já mandei todos eles de volta pro mangue.

– Mandou, como?

– Por telepatia, claro! Prometi pra eles ficar vinte anos sem comer caranguejo, e eles me prometeram não beliscar a gente durante a noite. Agora chega de choro, que eu tenho que pensar no que a gente vai comer. A caranguejada já era.

Jantaram graviola com sardinha em lata.

A primeira notícia que Madalena recebeu aquele domingo quando chegou ao Rio foi que tinha correspondência de Jacuípe. Ela leu a carta ali mesmo, na sala, e ficou furiosa:

– Mas é muita audácia! As viúvas do Tuninho e do Juquinha abriram um processo de usucapião pra se apropriar da fazenda que foi de meus pais! Como se eu não existisse!

Expressão originária do latim, significa adquirir algo pelo uso.

Cláudia não sabia o que era usucapião. Mas tinha certeza que a sua Dinda existia.

Francisco
Rio de Janeiro, 1987

— Joãozinho! Que bom que você chegou! A mainha tá preocupada!

Todo dia era aquilo: quando voltava do trabalho, era só Francisco abrir o portão que dava de cara com Madalena sentada na varanda, sorrindo para ele aquele sorriso de louca mansa. "Que ódio", ruminava.

– Eu não sou o Joãozinho! Sou o Francisco! Seu filho!

E entrava em casa pisando duro. Ia direto para o quarto, batia a porta atrás de si e passava a chave. Alcançava a enciclopédia caseira de homeopatia na prateleira mais alta da estante e tirava detrás dela a garrafa de pinga. Bebia no gargalo dando goladas grandes, até a garganta arder com a cachaça vagabunda ou até perder o ar, o que acontecesse primeiro. Só aí se acalmava. Ficava trancado até Dulce chamar para o almoço. Todo dia era aquilo.

Mas aquela tarde parecia que as coisas tinham piorado um pouco. Ouviu gritos no

corredor do lado de fora da casa, que ia da garagem ao portão. Era Dudu, o filho da empregada, aquela peste de garoto. Ouviu também gritos da mãe:

– Te mato! Eu te maaato!

Francisco olhou pela janela do quarto e viu o filho da empregada correndo e rindo. Atrás dele, Madalena. Com uma faca de cozinha. O garoto corria em volta dela e lhe dava olés. A empregada apareceu em seguida, mandando Dudu parar com a brincadeira sem graça. Madalena apontou a faca para ela também. Só quando apareceu o caçula de Francisco, um rapaz de dezesseis anos enorme e doce como um cão são-bernardo, foi que Madalena serenou; era o único a quem ela atendia. Ele falou macio com ela e, com jeito, pegou a faca. Passou o braço pelos ombros da avó e a levou de volta à varanda. A empregada puxou Dudu pela orelha e lhe deu vários cascudos, mas nem apanhando o diabo do garoto parava de rir. Francisco assistiu a tudo aquilo da janela, como se fosse um filme. Não disse palavra, não interferiu. Como se não tivesse nada a ver com aquilo. E como, mas como ele queria não ter

nada a ver com aquilo. Mas não dava para fugir. Era a mãe dele.

Mal de Alzheimer: tinha sido esse o diagnóstico. Madalena passou anos tendo pequenas falhas de memória que a família achava até engraçadas. Começou um dia em que saiu de carro e voltou de ônibus: "Eu? Levei o carro? Virgem santíssima, esqueci!", e deu aquela gargalhada aberta e gostosa dela, que ecoava pela casa toda. Depois, toda semana esquecia a bolsa, ou o guarda-chuva, ou o livro de orações em algum lugar. Uma ocasião, esqueceu no banheiro da rodoviária uma caixa cheia de pintinhos doentes de gogo que ela tinha trazido de Rio das Ostras para tratar. Até que Madalena passou a guardar meias na geladeira e pedaços de pão embaixo do travesseiro. E a esquecer de tomar banho. E a dizer que estava morta de fome meia hora depois de almoçar, e não havia quem a convencesse de que tinha acabado de comer. E chegou o dia em que saiu bem cedo para a igreja, que ficava na mesma rua de casa, e não voltou. No final da tarde, um homem muito gentil, que morava em outro bairro, telefonou para casa de Francisco dizendo que uma senhora loura, de cabelos

Doença caracterizada por demência; perda progressiva de memória, da capacidade de aprendizado, de realizar atos motores e mentais; dificuldades na linguagem, no reconhecimento de objetos e pessoas e de organização e planejamento.

curtos, olhos azuis e com vestido vinho estava sentada na sala dele desde o meio-dia, e tinha acabado de lhe dar aquele número; que ela estava bem, mas sem bolsa nem documentos, e não lembrava o próprio nome. Foi quando começou a tortura de Francisco.

Era a mãe dele. Foi ele quem teve que levá-la por todos os labirintos do serviço público, para conseguir sua aposentadoria do magistério por invalidez. Foram semanas e semanas de fila na biometria médica, no instituto de previdência do estado, nos cartórios. Até Domício teve que dar uma mão para desfazer o nó burocrático. Porque ela ainda dava aulas de arte na escola normal quando adoeceu e, se não fosse a ajuda da diretora da escola, ex-aluna de Madalena, o processo teria sido ainda mais longo e mais complicado. E isso tinha que acontecer logo com Francisco, que odiava tudo que fosse longo e complicado.

Francisco fechou a janela, deu mais uma meia dúzia de goladas na garrafa, deixando-a pela metade, e jogou-se na cama. Sentiu o corpo mais leve e a língua mais pesada:

– Tudo acontece comigo. Mãe doida e assassina de criancinha. Só comigo...

Fechou os olhos e viu outro filme; esse, dentro de sua cabeça. A lembrança mais antiga de Francisco era ele e Madalena num edifício que todos chamavam de Balança Mas Não Cai. Era uma cabeça-de-porco no centro da cidade, para onde eles tinham ido depois de saírem da casa de tio Joãozinho. Moravam num quarto miúdo, escuro e triste que fedia a mofo. Francisco lembrava de sua mãe se olhando no espelho de mão dela, arrumando o cabelo:

Cortiço, habitação coletiva; prédio de muitos apartamentos pequenos.

– Vou procurar emprego. Você fique direitinho com a dona Zenaide.

Era a vizinha de cima, que morava em outro quarto miúdo, escuro e triste que fedia a mofo. Francisco odiava ficar com dona Zenaide. Ela cismava de ficar lhe apertando as bochechas, a barriga e a bunda por tudo e por nada. E tinha mania de brincar com a dentadura; seus dentes rolavam soltos na boca murcha de um jeito nojento. E fazia um angu horrível, encaroçado e cru, preparado no quarto mesmo, num fogareiro a álcool.

Francisco abriu de novo a garrafa. Desta vez, deu um só gole longo, encheu as bochechas e se recostou na cabeceira, abraçado à cachaça. A colcha, toda repuxada já, parecia

a superfície de uma lagoa, e ele sentia como se estivesse boiando numa água morna.

– Ela me largava com a velha nojenta e saía toda bonita...

Tinha sido muito difícil ser filho de uma mulher bonita e sozinha naquela época. Houve a noite do horror, ainda no Balança Mas Não Cai. Aquela noite em que Francisco foi arrancado da cama que dividia com a mãe por um sujeito imenso – ou, pelo menos, imenso para os quatro anos que ele tinha – que caiu em cima dela. Ele viu os peitos da mãe saindo pelo rasgo que o homem fez na camisola dela. Muitos gritos. Dela, do homem, dele, dos vizinhos. Mais gente entrou no quarto, as luzes se acenderam, dona Zenaide o rebocou para o quarto dela. A gritaria continuou por algum tempo, depois parou. Madalena foi buscá-lo no quarto de dona Zenaide já arrumada e com a maleta de couro na mão. Eles passaram o resto da noite na Central do Brasil. Francisco levou anos para entender que o homem tinha tentado estuprar sua mãe. Que ele pensava que ela era uma prostutita só porque era bonita e mãe solteira, e morava num pardieiro onde muitas mulheres da vida moravam. Francisco e Madalena nunca fala-

ram sobre aquela noite. Francisco não contou nem para Dulce sobre essa noite. Tinha muita vergonha dela.

Francisco virou o resto da garrafa na boca. "Acabou". Escorregou pela cabeceira e deitou. O lustre do quarto começou a dançar no teto.

– Me matava de vergonha, a mainha...

Mesmo no tempo das vacas gordas, quando Madalena já tinha emprego seguro, casa própria e marido, ela o matava de vergonha. Não havia bola da molecada que caísse no jardim deles e saísse inteira. Madalena furava a bola a faca e fazia questão de jogá-la na rua para que os meninos a vissem:

– Não quero jogo de bola na minha porta! – gritava para a rua.

Por isso, Francisco nunca tinha conseguido fazer amigos na vizinhança. E sempre que saía para a escola, vinha aquele coro de garotos atrás dele:

– Comedor de bola! Vai rasgar a bola da mãe! Tava boa a sopa de bola?

Francisco virou de barriga para baixo para não ver o lustre dançando:

– Culpa dela. Tudo culpa dela...

Madalena nunca tinha deixado de ser

matuta; adorava terra, planta, bicho. Mesmo morando no meio da cidade, ela mantinha galinheiro. Para desespero dos vizinhos, que acordavam toda madrugada com o canto do galo. E para vexame de Francisco, que odiava roça, e odiava que pensassem que ele morava na roça.

E ainda havia aquelas viagens para a casa de Muriqui. Naquela época, era muito raro ver mulher dirigindo. Dirigindo na estrada, menos ainda. Dirigindo na estrada um carro cheio de cachorros, bananas e engradados com galos cocoricando então, era uma festa para os motoristas:

– Vai pilotar o fogão lá de casa! – era o que Francisco ouvia, encolhido no banco, humilhado.

Tonto, Francisco virou de lado, para a parede, onde nada dançava:

– Todo mundo olhava... Eu queria sumir... Ela xingava...

Madalena não levava desaforo para casa. Fazia tudo o que as mulheres direitas de seu tempo não faziam: dirigia, fumava, trabalhava, pintava as unhas de vermelho, era mãe sem marido. Obviamente, as mulheres a evitavam; Madalena era vista como

uma ameaça, uma tentação para os seus homens. E nem ligava.

Francisco fechou os olhos:

– Eu ligava... Ninguém gostava da gente... Ela estragou tudo.

Acordou com as batidas na porta. Era Dulce:

– Francisco! Franciscooo! Abre essa porta! O que tá acontecendo aí, Francisco?

Ele levantou com a cabeça rodando e abriu a porta, contrariado:

– Que berraria é essa?

– Pelo amor de Deus, Francisco, são mais de quatro horas! Tentei te acordar um monte de vezes pra almoçar! Pensei que você estivesse passando mal!

– Tava cansado, ué – e começou a brigar para disfarçar o flagrante da bebedeira. – Não posso dormir? Eu trabalho! Pago as contas! A casa é minha, faço nela o que quiser!

Dulce lançou um olhar para cima da cama. A garrafa vazia estava lá. Ela fez sua cara de mártir:

– Você vai almoçar?

Como o irritava aquele jeito bonzinho de Dulce. "Ela faz isso só pra eu parecer um monstro", pensou, com ódio.

– Não! Se quisesse almoçar, tinha almoçado! Você não tinha nada que vir aqui me perturbar!

– É que a dona Madalena arrancou a televisão do *rack* porque o Dudu tava assistindo desenho, e...

– Como é que é? A mainha agüentou carregar a televisão?

– E como agüentou! E carregou pelo corredor todo! Só que o Dudu foi atrás dela, puxando o fio, e a televisão se espatifou no chão. Você não ouviu?

Nadinha. Tinha bebido demais. Mas não podia admitir, tinha que manter o respeito:

– Não é possível! Isso só acontece comigo! Além de doida, tá dando prejuízo! Assim não dá! Vou internar! De hoje, não passa: vou internar!

Dulce ficou ali parada, olhando para ele com uma cara de espanto.

– É isso mesmo: vou internar! A mainha tá passando dos limites – e aproveitou para dar uma de quem estava muito atento, em vez de estar enchendo a caveira. – Hoje mesmo, tava correndo com uma faca atrás do Dudu, sabia? E se ela mata ele? Olha eu aí na justiça! Era só o que me faltava!

Madalena botou a cara dentro do quarto:

– Joãozinho! Que bom que você chegou! A mainha tá preocupada!

Francisco berrou para Dulce, exasperado:

– Chega! Pra mim, chega! De hoje não passa: vou internar!

E internou mesmo. Num asilo do estado.

Quinze dias depois, uma segunda-feira, o telefone tocou na casa de Francisco antes das seis da manhã: Madalena tinha sido encontrada morta na cama. Foi enterrada com o corpo arqueado; seu rosto se contorcia e os olhos que já tinham sido azuis estavam entreabertos numa expressão de dor. Na certa, havia falecido muitas horas antes de que alguém se desse conta. "Falência múltipla de órgãos", dizia o atestado de óbito.

– É, dona Madalena... Tudo faliu com a senhora. Até eu. Uma falência múltipla... – resmungou Francisco depois do enterro, trancado no quarto, já com a língua pesada.

E fechou os olhos para não ver o lustre dançar.

Quando você começou a gostar de ler?

Cristiane – Gosto de ler desde antes de saber ler, não lembro de mim sem esse prazer. Não sei de onde veio, porque ninguém lá em casa lia, nem lê até hoje. Meu pai achava desperdício comprar livro de historinha: dizia que livro a gente usa uma vez só, não vale a pena colocar dinheiro nisso. Mas minha avó trazia gibi para casa toda semana e comprou para os netos a coleção inteira de livros com disquinho da Disney. A única coisa chata era que eu devorava tudo isso em poucos minutos e ficava dias sem nada para ler.

Qual livro marcou sua infância ou adolescência?

Cristiane – Marcar mesmo foi um conto. Eu tinha 10 anos. Na época, havia uma antologia de contos que quase toda escola adotava. Claro que não esperei a professora de português mandar ler; agarrei o livro assim que ele entrou em casa. E lá estava *Peru de Natal*, do Mário de Andrade. Lembro que roupa eu estava usando, a posição que eu estava, o cô-

modo da casa, a frase que eu disse: "esse cara conhece o meu pai!" Foi um tremendo impacto; vira e mexe, releio esse conto.

Como nascem suas histórias e personagens?

Cristiane – Os personagens estão por aí, na casa da gente, no trabalho, na rua, no ônibus, na padaria. Gosto de manter os olhos abertos e os ouvidos atentos, observar gestos, ouvir histórias das vidas das pessoas. Depois, ora acrescento, ora retiro, ora misturo tudo e lá vêm os personagens.

Que lugar a leitura ocupa em sua vida?

Cristiane – Para mim, ler é uma maneira de entender e sentir o mundo. Na minha vida, a leitura ocupa um dos lugares mais gostosos: é sempre um momento que consigo reservar para mim, no qual só faço o que quero.

Além de escrever, o que você também gosta de fazer?

Cristiane – Gosto de ler! E de cinema, praia, viajar! Mas viajar sem pacote turístico – usar o transporte público, pedir informação na rua, freqüentar os lugares freqüentados pelos locais, comer o que eles comem e ver o que eles vêem.

Leitura e cidadania

A leitura torna mais vasto o mundo de quem lê. Também desperta a sua imaginação e você ganha condições de aprender e desenvolver seu senso crítico e cultural. Quanto mais livros você ler, mais aumenta o prazer de ler, mais alegrias você terá com a leitura. Com isso, todos ganham, você, a sua família, a sua comunidade e a sociedade em que você vive.

Pelo Brasil afora, muita gente tem trabalhado para estimular a prática e o acesso ao livro e à leitura. Projetos, programas e ações que envolvem todos: governos, universidades, escolas, empresas, ONGs e os cidadãos. Todas as propostas fazem parte do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, do Ministério da Cultura. Um dos objetivos desse empreendimento é fazer funcionar bibliotecas públicas em todos os municípios brasileiros.

É na biblioteca que você vai encontrar apoio para seu desenvolvimento pessoal e educação formal. Além disso, nesse espaço você vai poder conhecer sobre a herança cultural do seu povo, vai ter a oportunidade de

tomar apreço pelas artes e pelas realizações da humanidade.

Visite uma biblioteca, pergunte ao bibliotecário como é que ela funciona e como você pode ter livros emprestados. A biblioteca pública é de todos e para todos.

Mais informações sobre esta obra

O uso de fotos de mamulengos para ilustrar a novela *Madalena* representa uma inovação. O recurso possibilitou que as cenas fossem construídas com plasticidade, graças à expressividade dos bonecos aliada aos recursos fotográficos.

O mamulengo é um estilo do teatro de bonecos tipicamente nordestino e um dos mais ricos espetáculos populares do país. As histórias são quase sempre improvisadas e tomam forma na mão do mestre durante o espetáculo. Para encenar *Madalena* contamos com as mãos do grupo Mamulengo Presepada (Taguatinga – DF).

O ensaio fototográfico, feito através das lentes do fotógrafo Sergio Alberto, foi realizado em estúdio e utilizou fundo preto e iluminação indireta para captar a dramaticidade dos bonecos.

Brincantes (manipuladores)
Chico Simões e Fabíola Resende

Personagem: Madalena | Boneco: Rosinha do Bole Bole
Técnica: Boneca de vara | Bonequeira: Ceça Acioli

Personagem: Nelson | Boneco: João Redondo
Técnica: Luva | Bonequeiro: Chico Simões

Personagem: Chiquinho bebê | Boneco: Baltazar
Técnica: Boneco de pano | Bonequeiro: Chico Simões

Personagem: Álvaro | Boneco: Mané Gostoso
Técnica: Luva com vara | Bonequeiro: Chico Simões

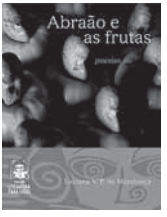
Personagem: Dulce | Boneco: Margarida
Técnica: Boneca de pano | Bonequeiro: Dona Andréia

Personagem: Morte | Boneco: A alma da defunta sem vergonha
Técnica: Luva com vara | Bonequeiro: Mestre Solon

Personagem: Cláudia | Boneco: Margarida
Técnica: Boneca de pano | Bonequeiro: Dona Andréia

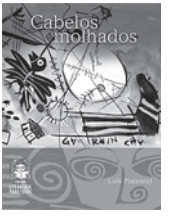
Personagem: Pesadelo | Boneco: Jaraguá
Técnica: Luva com vara | Bonequeiro: Agnaldo Algodão

Outros livros desta coleção

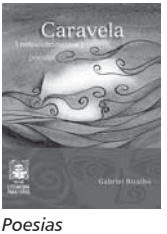


Poesias

Tradição oral



Contos



Poesias

Contos

Poesias

Teatro

Biografia

Crônicas

Produção gráfica e editorial

SUPERNOVA PROJETOS EDITORIAIS

Coordenação de produção
Cristina Guimarães
cristina@supernovadesign.com.br

Projeto gráfico e capa
Ribamar Fonseca
ribamar@supernovadesign.com.br

Projeto editorial, edição e revisão do texto
Alessandro Mendes e Iara Vidal
alessandro@azimutecomunicacao.com.br
iara@azimutecomunicacao.com.br

Fotografias
Sergio Alberto
mibrasilia@hotmail.com

Editoração eletrônica
Fernando Alves
fernando@supernovadesign.com.br

Auxiliar de produção
Adriana Mattos
adriana@supernovadesign.com.br

O papel da capa é o Duo Design 240g/m^2 e o papel do miolo é o Pólen bold 90 g/m^2. A fonte de texto é a Versailles, corpo 11,5, projetada por Adrian Frutiger em 1984, serifada, baseada nos tipos franceses desenhados no século 19. As notas explicativas laterais foram retiradas dos dicionários da língua portuguesa Houaiss e Aurélio e informações dos autores.

Impresso pela Gráfica e Editora Brasil para o Ministério da Educação em novembro de 2006.

Nelson olhou bem para Madalena. Olhou como não tinha olhado até então: olhou como se fosse a primeira vez. Viu uma moça linda, forte, sonhadora. E que só queria viver um pouco. De repente, as terras para lá do rio, a fazenda, o Manuel, seus outros filhos, sua mulher, ele mesmo, tudo pareceu morto. Tudo era podre, pobre e pequeno diante daquela moça que só queria viver um pouco. Nelson teve uma vontade imensa de abrir a cancela e deixar aquela moça, a sua Madá, sair daqueles cafundós e viver muito, muito, muito e para sempre.

Ministério
da Educação

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

ISBN 85-296-0043-6
9 788529 600437

LITERATURA
PARA TODOS

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo